

Uma intervenção em Monsanto

ESPAÇO PÚBLICO: LUGAR, LIGAÇÃO, LAZER

Uma intervenção em Monsanto

ESPAÇO PÚBLICO: LUGAR, LIGAÇÃO, LAZER

Universidade Autónoma de Lisboa
Mestrado Integrado
Departamento de Arquitectura
Mário Rui Gregório Granja



Orientadores
Arqt.ª Inês Lobo
Arqt.º João Vaz
Arqt.º Joaquim Moreno

A todos os que me acompanharam e apoiaram durante este percurso, em especial aos meus pais pela compreensão, incentivo e disponibilidade. Aos meus padrinhos, à minha namorada, aos amigos, colegas e professores que me orientaram neste trajecto final,

Obrigado

03	Agradecimentos
06	Resumo
07	Abstract
09	ESPAÇO PÚBLICO COMO LUGAR
18	PRAÇA
22	PAVILHÃO DO BRASIL EM OSAKA, Paulo Mendes da Rocha
30	CENTRO DE EXPERIMENTAÇÃO TEATRAL
57	ESPAÇO PÚBLICO COMO LIGAÇÃO
64	RUA
68	CAMPUS DE VIGO, Paulo Mendes da Rocha
72	UMA INTERVENÇÃO NA AJUDA
79	ESPAÇO PÚBLICO COMO LAZER
84	PARQUES URBANOS
86	DO PARQUE À CIDADE
89	CONCLUSÃO
93	Acrónimos e Siglas
94	Índice de Imagens
95	Índice de Desenhos
96	Bibliografia

RESUMO

Este estudo sobre o Parque Florestal de Monsanto tem como objectivo a análise do conceito de ligação e relação entre o artificial e o natural, a cidade de Lisboa e Monsanto. Procura-se entender de que modo os pólos universitários nos limites do parque, podem interagir entre si, criando também novas formas de integração deste pulmão verde na cidade, na vida das pessoas e potenciando capacidades de interatuar e comunicar entre estas instituições, e por sua vez com a sociedade.

Pretende-se reflectir e avaliar de que forma o redesenhar um campus universitário contribui para a interação, relação e ligação entre a malha urbana e o parque, focando o trabalho numa análise do espaço público e no desenvolvimento de vários sistemas que possibilitem estas conexões.

Com a execução de novos equipamentos propostos, como balneários junto aos campos desportivos do Instituto Superior de Agronomia e as novas plataformas junto ao Bairro 2 de Maio com espaços de Mercado e restaurante que em conjunto com o elemento principal deste projecto, o Centro de Experimentação Teatral Gil Vicente, contribuem para uma reactivação e reutilização do Parque Florestal de Monsanto, permitindo uma

utilização tanto diurna como nocturna, podendo ser feitas ligações entre estes e entre Universidades através de percursos pedonais e de novos sistemas de transporte públicos.

Explora-se assim o tema do Centro de Experimentação Teatral enquanto elo comum e de distribuição do pólo universitário da Ajuda, abordando-o como um prolongamento do espaço público do próprio campus e da cidade, potenciando e dinamizando não só estes espaços como também Monsanto.

Palavras-chave

interação; ligação; pólo universitário; espaço público (254 palavras)

ABSTRACT

This study about the Forest Park of Monsanto aims to analyze the concept of connection and relationship between the artificial and the natural, the city of Lisbon and Monsanto. It seeks to understand how the university campus on the outskirts of the park, can interact with each other, creating new forms of integration of this green lung in the city, in people's life and enhancing capabilities to interact and communicate with these institutions, and in turn with the society.

Seeks to reflect and evaluate how the redesign a university campus contributes to the interaction, relationship and connection between the urban mesh and the park, focusing the work on analysis of public space and the development of various systems that enable these connections.

With the implementation of new equipment proposed as locker rooms along the sports fields of the Institute of Agronomy and new platforms at the Bairro 2 de Maio, with market and restaurant spaces in conjunction with the main element of this project, the Gil Vicente's Experimental Theatre Center, contribute to regeneration and reuse of the Forest Park of Monsanto, allowing use in both diurnal and nocturnal, these connections can be

made between these elements and between universities through footpaths and new public transport systems.

Thus explores the theme of Experimental Theatre Center while common bond and distribution of Ajuda's University Campus, approaching it as an extension of the public space of the campus and the city itself, enhancing and stimulating not only those spaces as well as Monsanto.

Key-word

interaction; connection; university campus; public space (251 words)



ESPAÇO PÚBLICO COMO LUGAR

O espaço público deve ser considerado fundador da cidade (poder-se-á dizer em todas as épocas e em todos os regimes); no fundo, o espaço público é a cidade. (...)

Indovina Francesco, in
"O Espaço Público: Tópicos sobre a sua Mudança", 2002

Fig. 1
Nova Planta de Roma, Giambattista Nolli, 1748

ÁGORA

Os espaços públicos, nomeadamente, os espaços exteriores, têm vindo a definir e caracterizar a vida dos cidadãos, sendo estes espaços positivos da cidade, pode-mos defini-los como espaços de interação social.

Estes espaços apareceram - como se pode verificar na Ágora de Atenas e no Fórum Romano - para dar lugar a assembleias, mercados, espaços de encontro, jogos, teatros, procissões religiosas, música, etc., permitindo assim o desenrolar de múltiplas funções, sendo estes espaços comuns para todas as pessoas.

A Ágora era o espaço fundamental para o desenvolvimento da polis. Era o espaço das assembleias, das reuniões, que possibilitavam o encontro cívico da comunidade, onde eram transmitidas as decisões dos governadores, e até, onde se faziam competições desportivas. Foi um importante centro religioso, e em conjunto com os edifícios adjacentes, como é o exemplo do buleutérion e do pritaneu, o espaço do mercado e das variadas actividades comerciais e industriais, era assim o espaço público de ligação entre as várias actividades e da troca de informação e de bens.

Esta funcionava como um centro de integração para as

várias actividades. Em termos físicos, foi o núcleo da sociedade grega, um lugar onde o sagrado e o profano se cruzavam.

A Ágora não era assim apenas um espaço exterior rodeado por edifícios, mas sim um conjunto de estruturas que faziam deste, o espaço central das cidades gregas. Destas várias estruturas surgem as stoas, largos pórticos abertos que protegiam os cidadãos do frio e do calor, e ofereciam espaços de sombra e luz em frente às várias lojas.

Estas preenchiam uma importante função social na vida da cidade, pois era nesses locais, mais do que no centro da ágora, que os cidadãos se encontravam para discutir negócios, política, ou filosofia, sendo também o principal espaço comercial ateniense durante séculos.

Outra importante estrutura, no caso da àgora de Atenas é a Via Panatenaica que unia a cidade desde o portão principal até a Acrópole, atravessando assim a praça na diagonal, serviu como caminho processional para o grande festival Panatenaico e para várias actividades lúdicas. Ao longo desta existiam canais de água que transportavam esta de uma ponta a outra da cidade.



Maqueta de Atenas



Via Panatenaica (actualmente)



Canal de água



Stoa de Áttalos

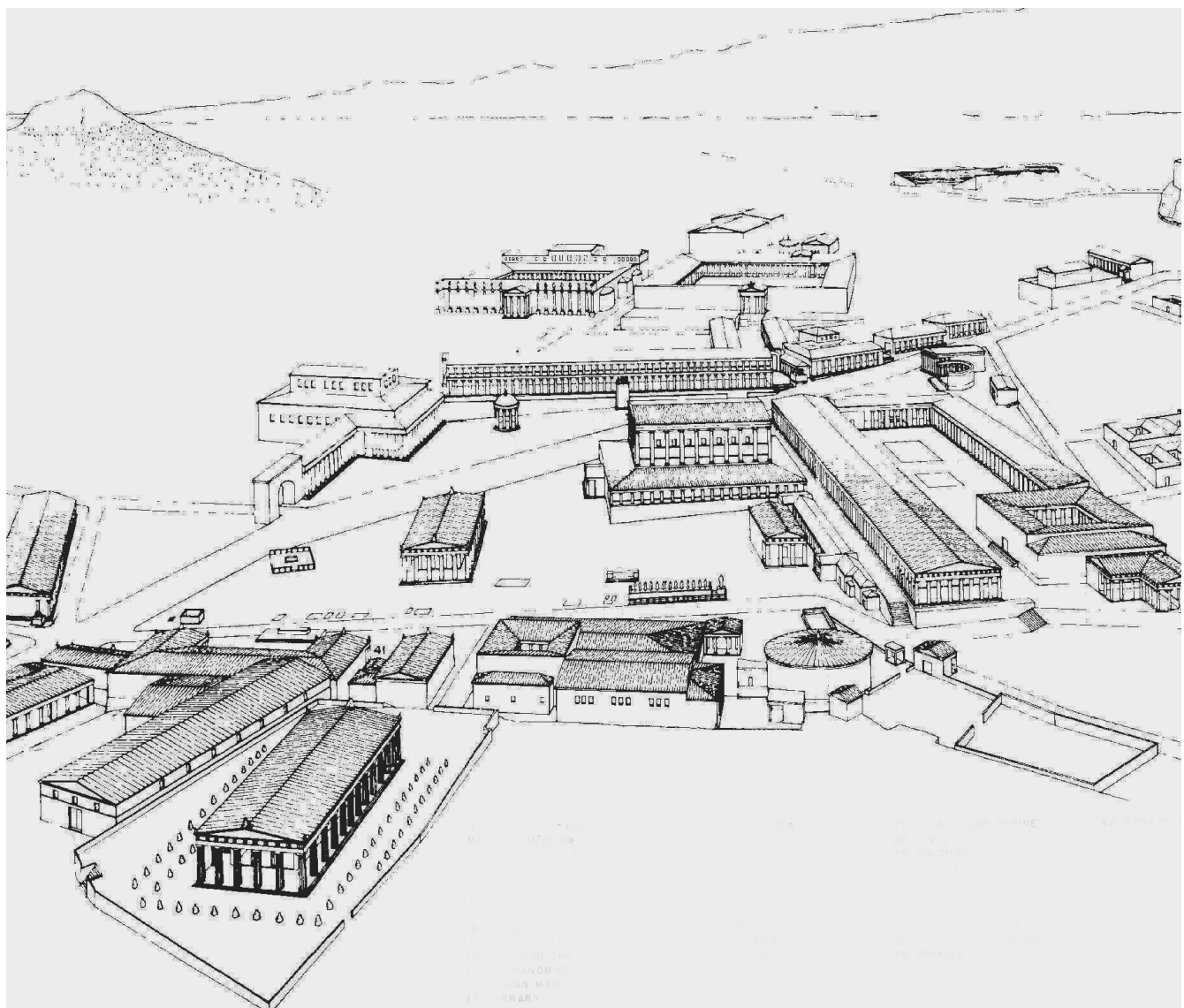


Fig. 2
Perspectiva da Ágora de Atenas

FÓRUM ROMANO

O Fórum foi desde o início estabelecido, tal como a Ágora Grega, como o centro político e simbólico de Roma, este conceito urbano foi repetido em várias outras regiões por todo o Império e tornou-se um símbolo de romanização das cidades conquistadas ou fundadas, como por exemplo Petra, na Jordânia.

Este pode ser entendido como um espaço multifuncional onde os cidadãos romanos se encontravam para discutir ideias, comercializar, assistir a jogos, adorar deuses, executarem reuniões políticas, motins, funerais e, inicialmente, efectuarem batalhas entre gladiadores, onde as colunatas que circundavam estes espaços serviam como galerias para os espectadores, existindo também vários tipos de lojas.

É inevitável estabelecer uma relação entre a ágora grega e o fórum romano. Ambos constituem os pontos de maior significado cívico e estruturam-se em relação com outros edifícios e espaços públicos abertos. A ágora estabelece uma tipologia formal enquanto o fórum simboliza a praça como ponto central do significado de uma arquitectura e sociedades urbanas.

Enquanto a ágora contribuía para oferecer ao cidadão consciência de si mesmo, o fórum contribuía para a

consciência do Estado. De facto, é possível que o espaço romano tenha sido influenciado pelo seu equivalente grego. Afinal, a Ágora foi, como o Fórum, o mais importante espaço público da cidade, onde as pessoas se reuniam para discutir aspectos importantes da sua comunidade.

Para além deste vasto leque de funções que foram surgindo ao longo do tempo, ainda hoje o espaço público, como lugar, se apresenta como o lugar simbólico da construção da identidade colectiva.

"Nos Gregos, a procura de integração entre arquitectura e a natureza comanda o acto de construir. O sentido do grandioso e do monumental na arquitectura é romano. (...) Gregos e Romanos representavam já no essencial os modelos possíveis de diálogo do edifício com o sítio: por integração ou por afirmação." ¹

O lugar, enquanto conceito espacial e identidade de uso e significado surge da aproximação do Homem com o ambiente, através da percepção e apropriação de si mesmo. O espaço público é o lugar da identidade, onde os cidadãos se reconhecem e afirmam enquanto membros da comunidade e definem a sua história colectiva.

¹ José M. Ressano Garcia Lamas in "Morfologia Urbana e Desenho da Cidade", 2004. Pág 146.



Fig. 3
Maquete de Roma Antiga
Fóruns Romanos

SENTIDOS

É o lugar-comum, da troca de informação, bens e serviços, das actividades quotidianas, o lugar físico, das funções que tornam a comunidade coerente, lugar simbólico e político, de cidadania, local de cultura. É também o lugar onde são confrontados com a inovação e a mudança, elementos fundamentais para o crescimento e desenvolvimento das cidades.

São estes espaços que estruturam e definem as urbes, são espaços perenes, que ao longo do tempo mantêm os elementos que identificam a cidade e a sua cultura.

É importante referir que estes espaços, entendidos como lugares decorrentes de novas culturas e práticas urbanas, em harmonia com o ambiente, estão designados para cooperar numa melhoria da qualidade de vida urbana e para a revitalização da vida pública.

Para se estruturar estes espaços como lugares, é essencial a introdução de referências que se sobressaem na malha urbana, tendo em conta que estas se organizam e estagnam os espaços no tempo, é indispensavelmente necessário apelar aos sentidos para os compreender.

Ao falarmos de espaços públicos temos de ter presente que estes não são apenas espaços físicos, mas também espaços sociais onde a comunicação e a permutabilidade continuam a existir.

Estas comunicações só acontecem no espaço urbano, estando algumas ligadas à visão e ao tacto, ao falar, ao estar e sentir comuns, às expressões colectivas, ao imaginar e recordar, etc.

É também por meio destes sentidos: visão, tacto e olfacto, que se edifica a parte mais importante da cidade, que permite percepcionar as condições térmicas através do vento e do sol, do calor e do frio, aspectos importantes no entendimento e caracterização da cidade. O olfacto, no entanto, pertence já à própria experiência da vivência da urbe, não possuindo nenhuma ocorrência no traçado da forma da mesma.

Enquanto palco para as várias funções, os espaços públicos, possuem também funções à escala de cada individuo, como complemento do espaço privado da habitação, sendo mesmo as praças e as ruas prolongamentos da casa.



Espaço entre faculdades



Espaço entre faculdades (estacionamento)



Espaço entre faculdades



Acesso à FMV



Fig. 4
Inexistência de espaços públicos

IDENTIDADE

(...) O que é uma cidade? Um lugar com muita gente. Um espaço público, aberto e protegido. Ou seja, um produtor material de sentido. Uma concentração de pontos de encontro. Na cidade em primeiro estão as ruas e praças, os espaços colectivos, só . depois vêm os edifícios e as vias (espaços circulatórios) ²

O traçado da cidade deverá assim dar prioridade à mobilidade pedonal, tendo em conta que apresenta um papel vital na vida das urbes, sem eles as ruas e praças tornam-se vazias e com condições precárias. Porém, não se devem apenas projectar espaços que possibilitem a deslocação de pessoas de um ponto para outro, mas também devem existir condições favoráveis para percorrerem e se ocuparem nesses espaços, tal como participarem num vasto conjunto de actividades lúdicas e sociais.

Os espaços têm a capacidade de estimular peculiares tipos de comportamentos. Quando estes se apresentam por uma determinada forma, dimensão, luz, etc., observamos o seu carácter, o seu ambiente místico e espiritual, relacionamo-nos com este e identificamo-lo como lugar e, simultaneamente colaboramos para a sua identificação perante os outros.

Esse reconhecimento e sintonia com o espaço, esse

posicionamento perante a rua, a praça ou o largo é que permitem a identificação de um espaço público como sendo distinto de todos os outros. São estas características físicas, espaciais e morfológicas dos espaços exteriores urbanos que exibem a singularidade e a forma de cada espaço e que predispõem a sua leitura, o modo como sentimos e vivemos estes espaços.

Após esta primeira leitura da cidade são apresentados outros conteúdos - económicos, históricos, religiosos, sociais entre outros - que permitem o reconhecimento e a identificação da cidade. Esta entende-se como um producto físico, político-cultural complexo que é definido e caracterizado pelo contexto em que se insere. O seu espaço responde a valores de convergência demográfica, de mescla e união social e funcional, de participação cívica e de identificação simbólica.

O papel destes espaços colectivos consiste na capacidade multifuncional e de se adaptar perante os vários sistemas que ocorrem na cidade, sendo estes também a própria riqueza da urbe e, certamente assumem um papel estruturador e unificador das cidades.

² (...) Qué es una ciudad? Un lugar con mucha gente. Un espácio público, abierto y protegido. Un lugar es decir un hecho material productor de sentido. Una concentración de puntos de encuentros. En la ciudad lo primero son las calles y plazas, los espacios colectivos, sólo después vendrán los edificios y las vías (espacios circulatorios). Jordi Borja e Zaida Muxi, in "El Espacio público: ciudad y ciudadanía", 2000. Pág. 13.



Fig. 5
Inexistência de espaços públicos e de ligação

PRAÇA

A praça, ao longo da História das cidades Ocidentais tem desenvolvido um carácter comunitário. É o espaço de encontro da comunidade, um lugar normalmente descoberto, à escala urbana, contrariamente aos pátios, claustros e jardins privados que surgem à escala arquitectónica.

A praça é um elemento morfológico das cidades ocidentais e distingue-se de outros espaços, que são resultado acidental de alargamento ou confluência de traçados - pela organização espacial e intencionalidade de desenho (...). A praça pressupõe a vontade e o desenho de uma forma e de um programa. Se a rua, o traçado, são os lugares de circulação, a praça é o lugar intencional de encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, consequentemente, de funções estruturantes e arquitecturas significativas.³

É o lugar onde outrora se reuniam os principais edifícios e monumentos, contudo, hoje em dia a praça ainda adquire importância a nível simbólico, artístico, funcional, político e social. A praça agrega componentes histórico-formais que a apontam como um dos principais espaços do meio urbano. É um espaço mais complexo e distinto, resultado do desenvolvimento da ordem pública e da criação cultural.

São rodeadas por construções que as definem e servem como cenário para as múltiplas funções sociais, acontecimentos, é um lugar intencional de encontro, espaço de referência e identicamente à rua, as praças implicam uma relação com o vazio e os edifícios adjacentes, são espaços de permanência. A praça e a rua, são dois espaços básicos necessários para expressar a existência da cidade.

O outrora, o mercado e o centro cívico estabeleciam-se num mesmo espaço, nas praças. Estes foram ao longo do tempo separados devido ao próprio crescimento da cidade.

As praças e mercados medievais são ainda o coração da maioria das cidades europeias, o centro da vida económica, cívica, social e cultural, proporcionando várias razões para o contacto entre pessoas.

Os mercados, espaços abertos dedicados ao comércio e a diversos serviços passaram a ser cobertos desde finais do século XVIII. As praças enquanto centros cívicos, cuja envolvente é delimitada por importantes edifícios públicos que se tornam palco para as exposições públicas de poder, foram sendo difundidos por diferentes praças e espaços de outras dimensões.

³ José Ressano Garcia Lamas, in “Morfologia Urbana e Desenho da Cidade”, 2004. Pág. 100-102.



Fig. 6
Museu de Arte de São Paulo, Lina Bo Bardi, 1968
Vista parcial da praça

MULTIFUNCIONALIDADE

A praça servia também como local de exibição de poder e repressão da população, onde estes se podiam expressar e onde o Estado poderia reprimir e conter estas expressões.

Durante o século XIX, as praças e parques entre outros espaços públicos começaram a ampliar o seu papel. Apesar de não serem recriações literais das antigas ágoras e fóruns, estas recomeçaram tal como as antecessoras a apoiar múltiplas actividades num só lugar, cruzando novamente aspectos religiosos com actividade comercial e de lazer.

As praças das cidades com maior sucesso, isto é, as que auferem de maior movimento e contacto entre pessoas, são as que possuem uma função dominante na estrutura da cidade, pois são as que sustentam as variadas actividade através da diversidade de usos não só do espaço em si, mas também dos edifícios envolventes.

Estas são provavelmente, ainda o elemento mais relevante e marcante no desenho e estrutura da cidade, são o principal componente do qual é distinta e lembrada a mesma. São o cenário natural para os edifícios civis e religiosos mais importantes lugares onde

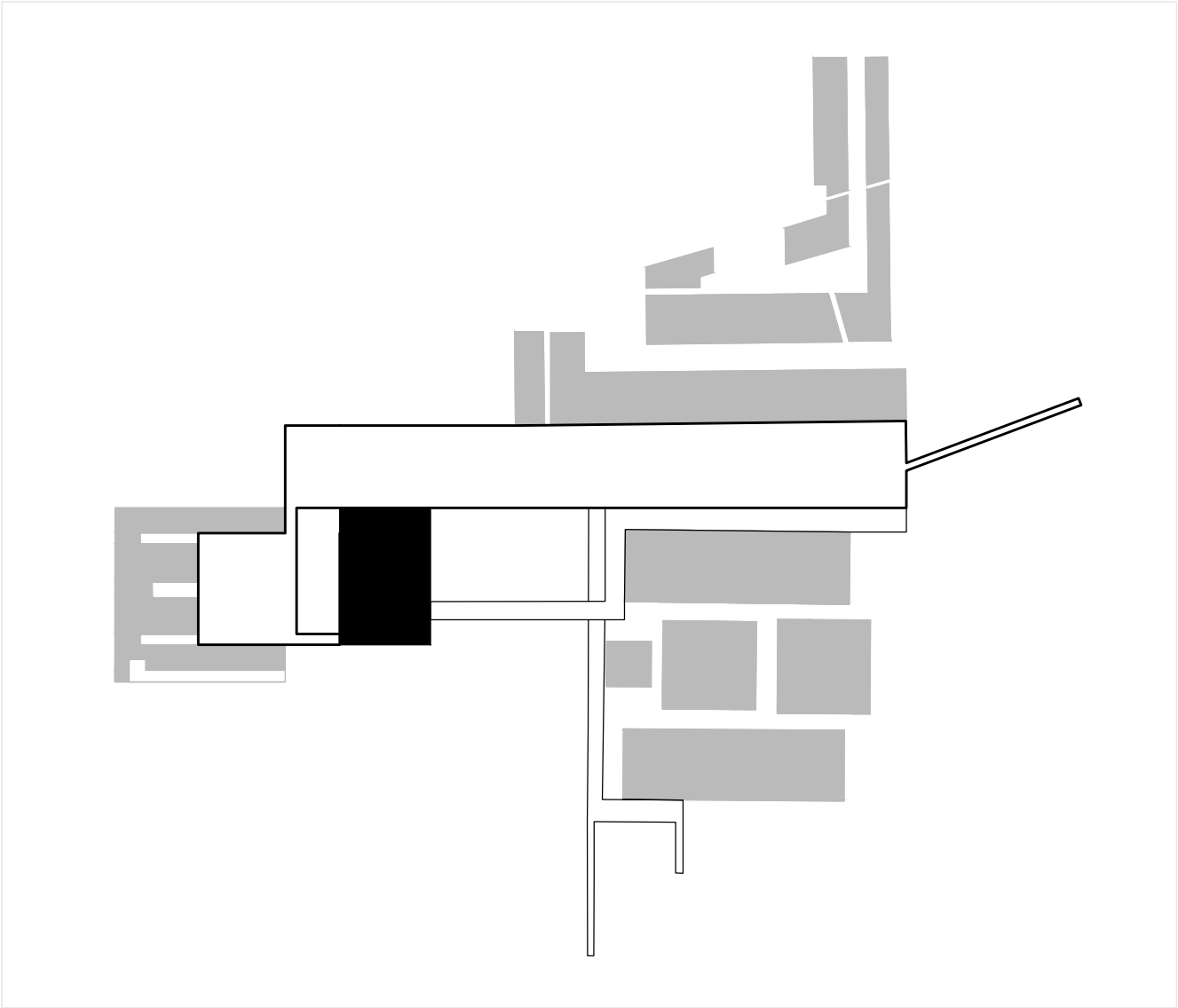
as pessoas se encontram e socializam e que assumem um significado simbólico.

Estas reflectem a sociedade que nelas habita, são a expressão da sua existência. É nas praças que se verifica a história das cidades como um palimpsesto de tijolo e pedra que transmite cada momento e épocas da mesma.

"A definição de praça na cidade tradicional implica, como na rua, a estreita ligação do vazio (espaço de permanência) com os edifícios, os seus planos marginais e as suas fachadas. Estas definem os limites da praça e caracterizam-na, organizando o cenário urbano. A praça reúne a ênfase do desenho urbano como espaço colectivo de significação importante. Este é um dos atributos principais e que a distingue dos outros vazios estruturantes das cidades." ⁴

É com esta ideia de praça enquanto espaço de permanência, de identidade, de local de encontro e de convívio, que se pretende criar como ponto de partida para este projecto na Ajuda, uma praça, conferindo a este local uma identidade própria e criando também um ponto comum e de ligação entre as três faculdades existentes, assumindo assim este espaço como um lugar, ao mesmo tempo que estabelece uma relação entre esta com o vazio e o espaço envolvente.

⁴ José Ressano Garcia Lamas, in "Morfologia Urbana e Desenho da Cidade", 2004. Pág. 102.



Esquema da praça e plataforma de ligação entre faculdades

- Centro de Experimentação Teatral
- Plataforma de Ligação

PAVILHÃO DO BRASIL EM OSAKA, Expo 1970
Paulo Mendes da Rocha

Tendo o programa proposto uma relação directa com o cenário e o palco, surge a vontade de inserir uma praça - sendo esta como se verificou anteriormente, um espaço multifuncional, que ao longo do tempo serviu de cenário e de palco para variados acontecimentos - no Pólo da Ajuda, um ponto de convergência e espaço de permanência que servirá como elemento comum das faculdades e de local de encontro para os estudantes desta instituição e para toda a população, potenciando assim este espaço.

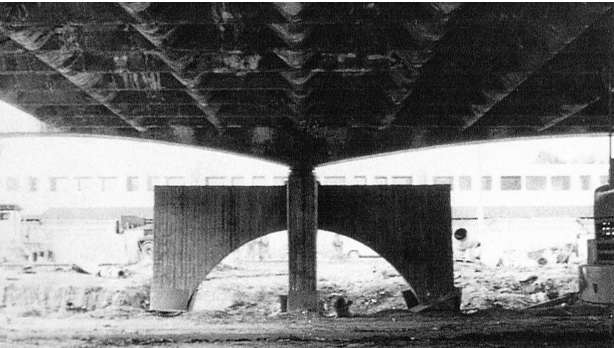
Esta intenção advém, em parte, das ideias do arquitecto Paulo Mendes da Rocha, no projecto do Pavilhão Brasileiro da Expo 1970 em Osaka, devido não só à ideia de um espaço – praça – coberto, multifuncional, onde poderiam realizar-se diversos tipos de actividades e espectáculos, como também devido à relação e integração harmoniosa com o local e com os pavilhões vizinhos. O espaço reservado para o pavilhão do Brasil tinha cerca de 50 x 82,5 metros, tendo como pavilhões vizinhos a Checoslováquia e Etiópia. A sua cobertura plana, de dimensões de cerca de 32,5 x 50 metros, transversal ao lote ocupava toda a sua largura e oferecia espaços de sombra abertos.

O relevo originado pela manipulação do terreno, que

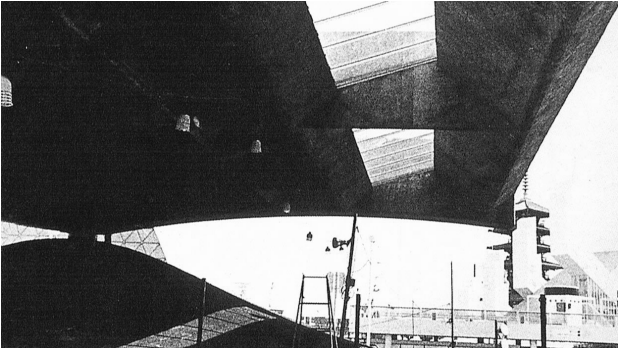
juntamente com o Largo do Café, acomoda uma espécie de anfiteatro natural situado entre luz e sombra. Todo o projecto exhibe um domínio da horizontalidade - excepto nos arcos que suportam a cobertura, sendo este o único elemento vertical visível - e de alternância entre luz natural, artificial e sombra. Os elementos de projecto são poucos e marcantes: apoios – colunas escondidas pela modelação do terreno e, pelos arcos, único apoio visível -, cobertura, rampas e iluminação. A sua organização simples, definia de forma ténue mas preponderante os percursos dos visitantes.

O tema principal, da ampla cobertura, revela uma referência para a arquitectura brasileira, no sentido em que apresenta um ideal de conforto climático, na cobertura para protecção do sol e chuva, ao mesmo tempo que permite a circulação do ar através dos espaços abertos.

Este projecto surge como caso de estudo devido à sua capacidade de se relacionar com a envolvente através do vazio e da permeabilidade. Apresenta-se também como caso de estudo pela forma como através de uma cobertura e modelação do terreno permite uma utilização ampla e diferenciada do espaço ao nível térreo, permitindo uma continuidade visual e espacial e relacionando-se com os espaços contíguos.



Apoio da Cobertura do Pavilhão



Modelação do terreno e apoio, abertura de luz zenital



Fig. 7
Construção do Pavilhão do Brasil em Osaka, Paulo Mendes da Rocha, 1969

PISO -1

No piso -1, dividido em duas partes, uma formando um retângulo da largura do lote, situado debaixo da cobertura, onde se insere um espaço de espectáculos, as instalações sanitárias, camarins e salas de artistas, oficinas e as salas das máquinas.

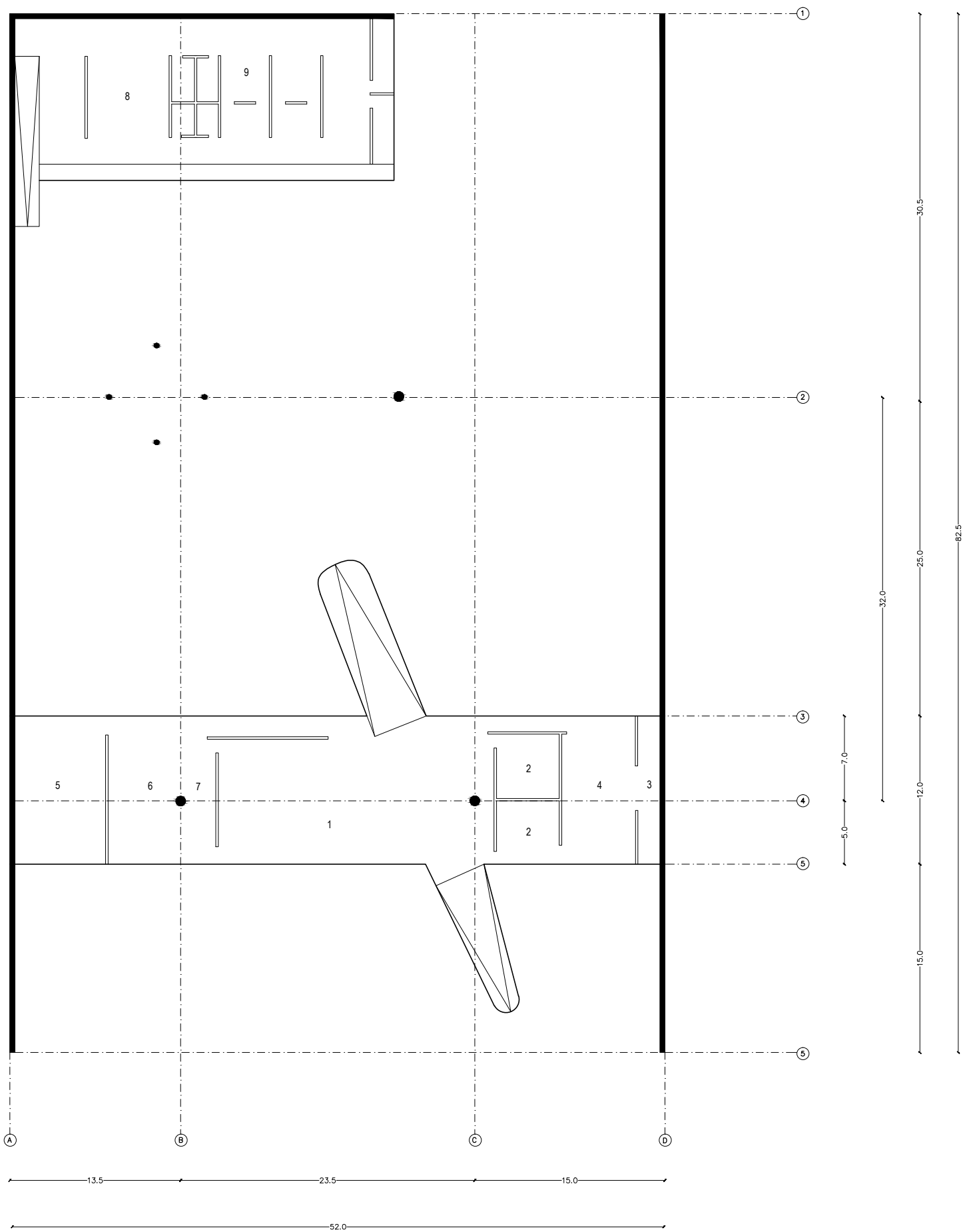
A segunda área, junto ao limite do lote, de acesso mais restrito, é reservada aos escritórios e anexos do Itamaraty: Esta é visível a partir do piso térreo, sendo iluminada por um rasgo de luz zenital junto ao Largo do Café.



Construção dos balcões de atendimento



Entrada de luz zenital nos anexos



1.Espectáculos 2. Instalações Sanitárias 3. Vestiários 4. Máquinas 5. Oficinas 6. Sala de artistas 7. Camarins 8. Anexo Itamaraty 9. Administração

0 10
N Δ
Planta Piso -1

PISO TÉRREO

O terreno artificial eleva-se em três pontos, quase tocando na cobertura, esconde três dos pontos de apoio distribuídos nas extremidades da cobertura, sendo estes colocados em posições ligeiramente assimétricas. Este promove a continuidade do solo ao estender o pavimento de asfalto aos arruamentos das exposições envolventes.

O terreno elevado sobre as quais a cobertura do pavilhão assenta, permite esconder as colunas, ou suportes verticais, que são elementos tradicionais de qualquer sistema construtivo. A cobertura aparenta descarregar o peso em três pontos, directamente nas fundações.

Em duas das modelações estão escondidas colunas de betão, visíveis apenas no piso – 1, sendo que somente uma se une a uma estaca de fundação, transferindo o peso directamente para o solo. O terreno moldado abriga assim as áreas de exposição e apoio, projectadas abaixo do nível térreo, independentes entre si cuja acessibilidade é feita através de rampas próprias.

O quarto apoio, o pilar simbólico concebido pelo cruzamento de dois arcos reflecte um cuidado com a manifestação das propriedades físicas da construção.

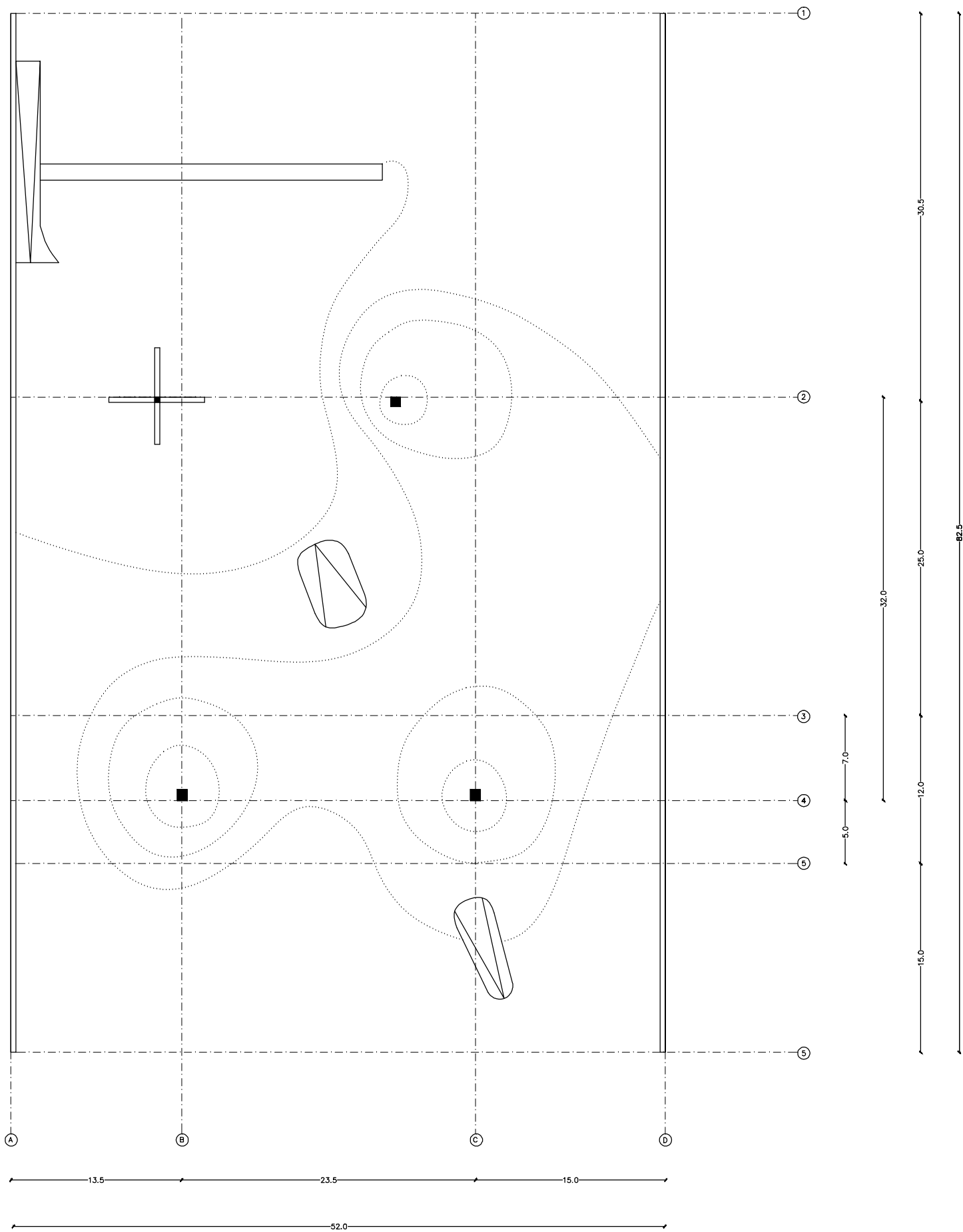
Procurou-se expressar a trajectória das forças e a transferência do peso para o solo, permitindo distribuir o peso da cobertura por quatro pontos de apoio. Este é o único elemento no projecto que representa um aspecto vertical, contrariamente ao restante pavilhão.



Vista do exterior do lote



Exposição durante a Expo 70



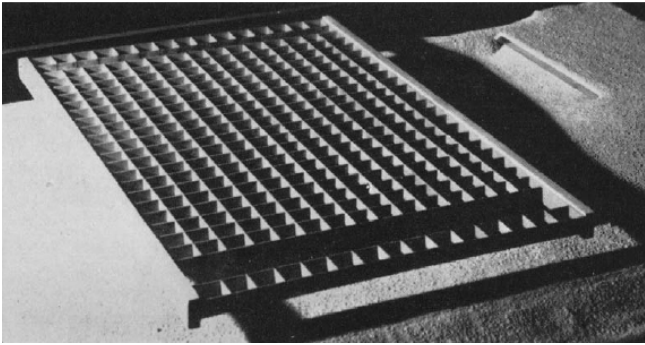
1. Espectáculos 10. Praça do Café

0 10
NΔ
Planta Piso Térreo

COBERTURA

Construída em betão pré-esforçado, era conformada por duas vigas de altura variável cuja linha inferior desenhada em linhas curvas e suaves, definia arcos que demarcavam a posição dos apoios. Estas eram ancoradas por vigas transversais de betão armado, com 1,80m de altura, intervaladas a cada 2 metros, entre as quais surgiam as entradas de luz fechadas com vidro, definindo assim uma grelha.

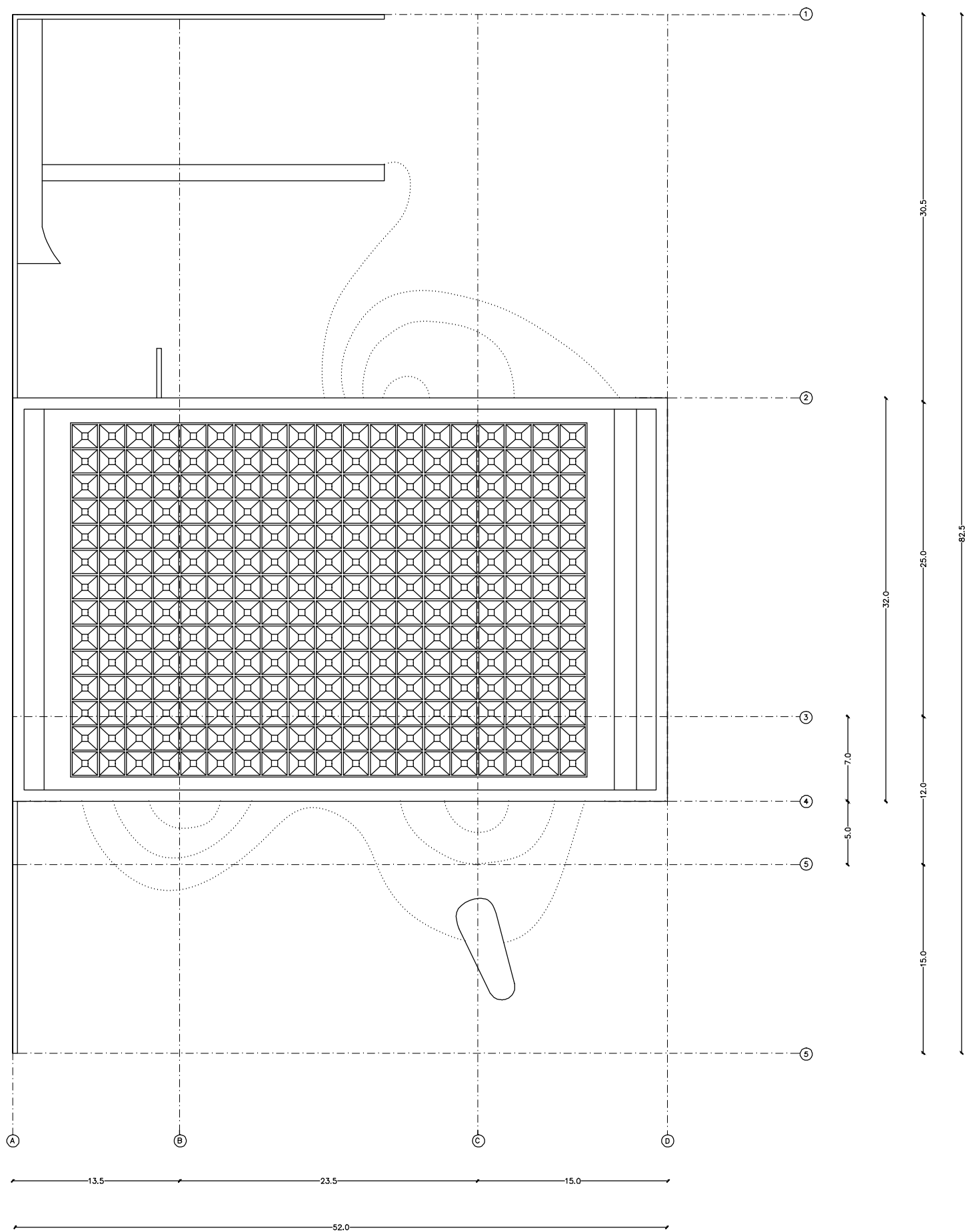
Esta, ocupando quase totalmente a cobertura, é interrompida a cerca 5 metros das extremidades, sendo estas rematadas por vigas de betão. O espaço entre as vigas e a grelha é também fechado com vidro permitindo a iluminação por baixo da cobertura.



Maqueta do Pavilhão



Construção da cobertura - Pormenor das entradas de luz



0 10
N Δ
Planta de Cobertura

CENTRO DE EXPERIMENTAÇÃO TEATRAL

O Centro de Experimentação Teatral é um equipamento vocacionado para a itinerância, contrariamente aos teatros convencionais, não estando confinado a um só grupo teatral, mas sim a um variado número de grupos e intervenientes que se interessam pelas artes cénicas, permitindo também uma maior liberdade e integração de vários programas no mesmo local.

Os inúmeros espaços que o centro de experimentação nos oferece, desde salas de ensaio, espaços de trabalho e oficinas, tendo como ponto principal a sala do teatro, neste caso uma blackbox, permitem uma maior interação e ligação entre programas e pessoas, espaço este em constante mudança, que espera sempre novos intervenientes, novas ideias e novas discussões.

Tendo como finalidade a introdução deste equipamento na proposta de intervenção, ou seja, no Pólo Universitário da Ajuda, este edifício vem com propósito de interligar as várias faculdades do campus, não só a nível físico como também a nível programático, oferecendo a possibilidade destas escolas utilizarem e partilharem os variados espaços entre si, como por exemplo, salas de auditórios, bibliotecas,

espaços comuns, etc.

Sendo o teatro e a encenação actividades de ensino e de aprendizagem, cuja função é a formação dos indivíduos, uma vez que proporciona um espaço de estímulo à imaginação, de reflexão e de expressão, complementares ao ensino das ciências e das técnicas, este é um equipamento que se relaciona com a Universidade, não apenas pelo programa mas também em termos de escala.

Este programa em conjunto com outros equipamentos propostos, contribui para uma reativação e reutilização do Parque Florestal de Monsanto, permitindo uma utilização tanto diurna como nocturna.

A praça coberta do CET, permite tal como nos casos de estudo anteriores, a utilização diversificada deste espaço, abrangendo um vasto leque de utilizadores e funções, podendo assim ser usada como prolongamento da sala do teatro, isto é, da blackbox, podendo ser também utilizado como espaço para realização de concertos, espaços de mercado, exposições, espaços desportivos, para lazer e dança, etc.



Concertos



Mercado



Desporto



Dança



Fig. 8
Fotomontagem do Centro de Experimentação Teatral



Fig. 9
Fotomontagem do Openspace

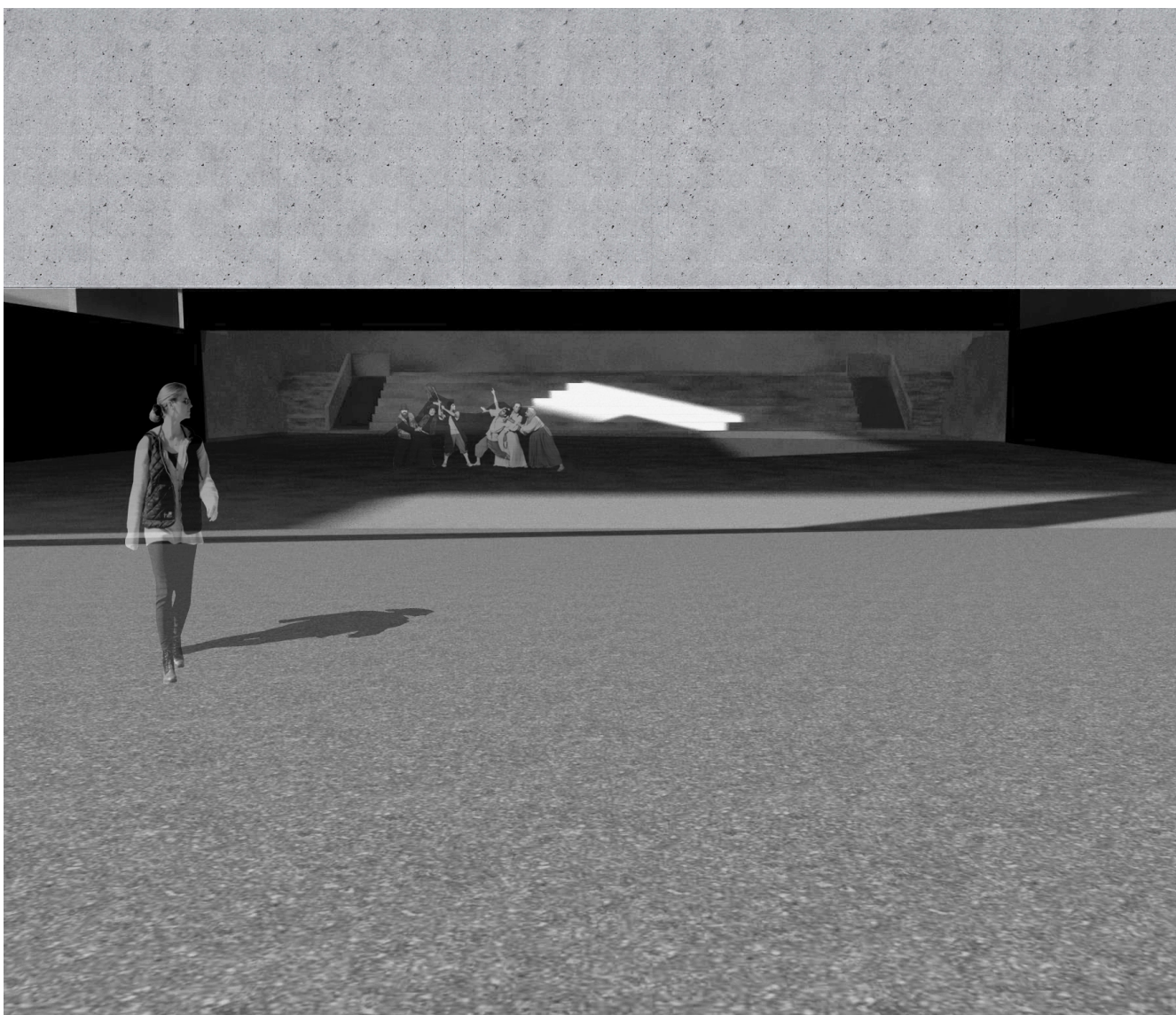


Fig. 10
Fotomontagem da praça coberta - Blackbox com paredes elevadas

PISO 0

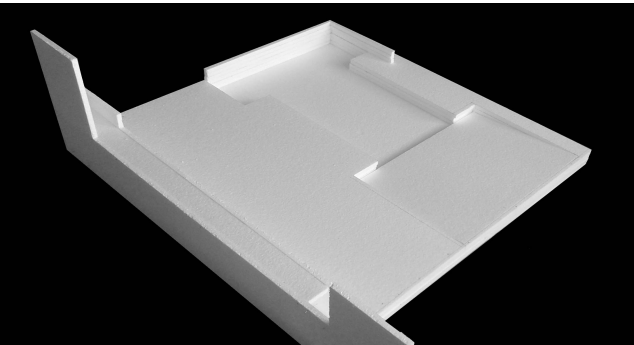
O piso 0 encontra-se à cota 105, sendo esta a mais baixa da intervenção. Neste piso encontra-se a blackbox - que através de paredes móveis permite encerrar o espaço de espectáculos quando necessário, e quando não ocorrem actuações as paredes elevam-se de forma a que todo o espaço se torne num só, numa praça sob a cobertura pemirtindo a realização de inúmeros eventos, desde espaços para mercados, palestras, lazer, etc. – e todos os serviços necessários para a representação teatral e de apoio à mesma, desde camarins, arrumos, instalações sanitárias.

Através de escadas em caracol é possível unir directamente este piso e o piso 2, ligando assim os camarins às salas de ensaios.

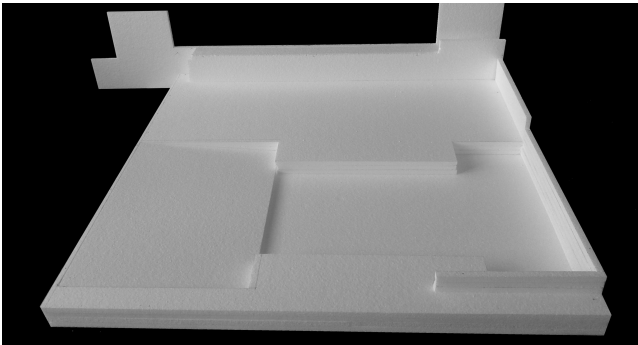
Neste piso poderão ser realizados dois tipos de representação, um como referido anteriormente, dentro da blackbox, com as paredes encerradas, e uma representação exterior a este espaço, quando as paredes se elevam.

O interior da blackbox é revestido a painéis de gesso acústico pintados a preto, e o pavimento de madeira

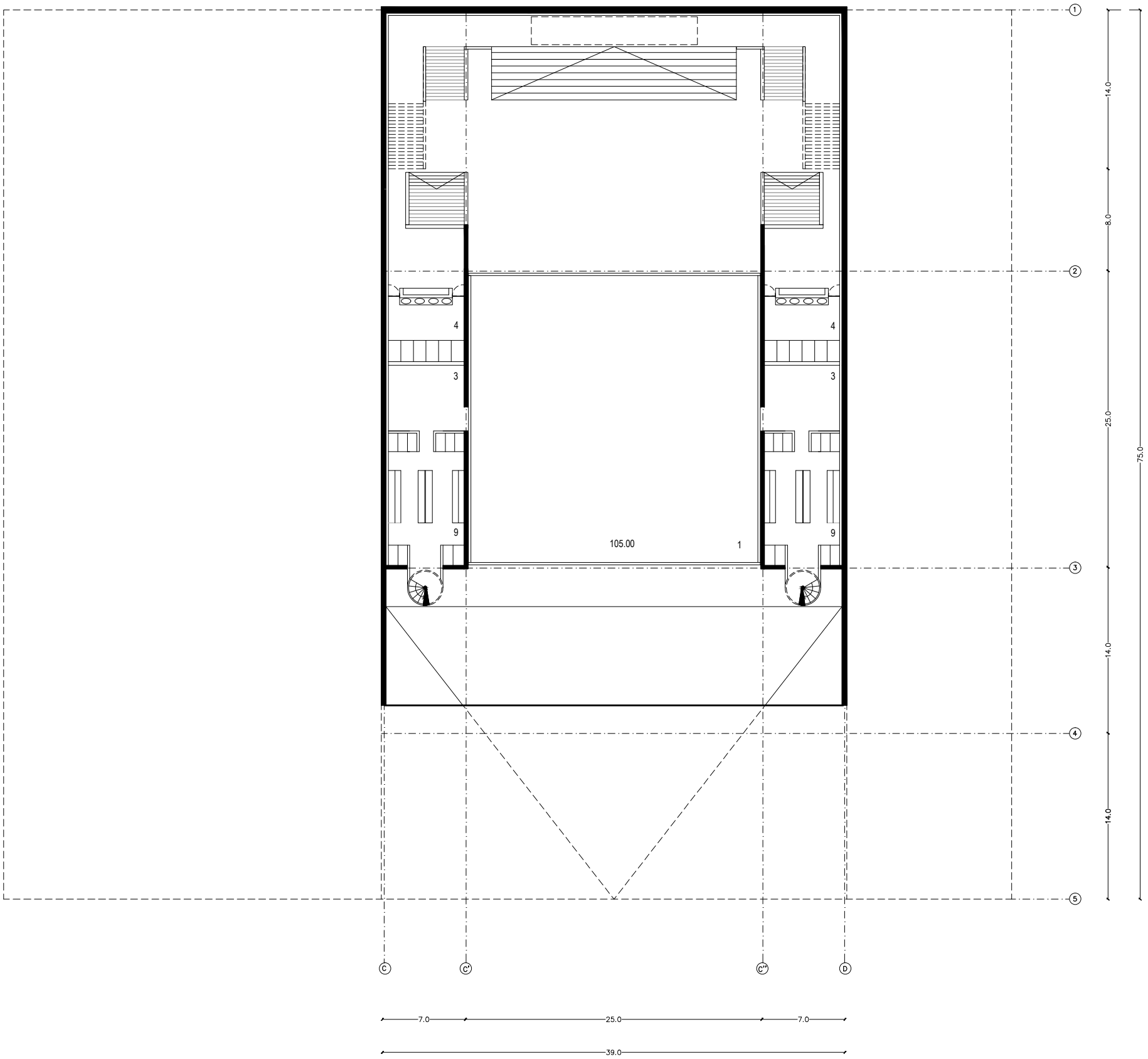
preta. Nos camarins a betonilha afagada surge como pavimento e as paredes são rebocadas e pintadas a branco.



Maqueta de cheios/vazios - Vista Sul/Poente



Maqueta de cheios/vazios - Vista Nascente

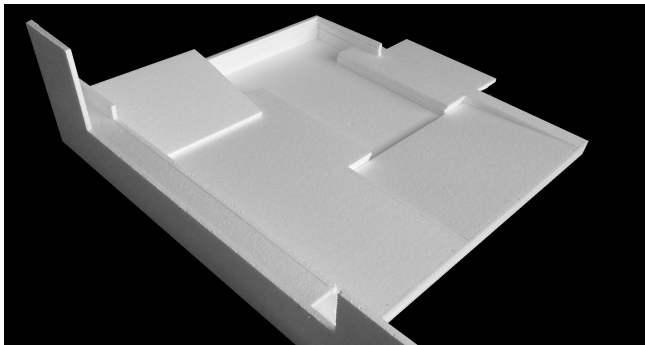


PISO 1

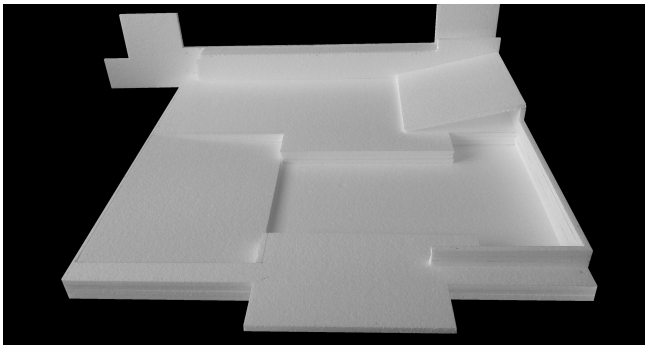
O piso 1 situa-se à cota 108, cota esta que vai sofrer modelações necessárias de forma a facilitar o acesso ao piso inferior, e que permite também ao caminhar por esta modelaçãodo terreno, descobrir diferentes tipos de espaços. Neste piso encontra-se o bar e o espaço de representação exterior, no qual uma rampa informal serve como bancada e zona de descanso, e onde espaços arbóreos, o parque urbano proposto e o rio servem como pano de fundo.

Através de vãos envidraçados - quando as paredes móveis laterais descem - é possível obter uma ligação visual entre o espaço de representação exterior e o átrio situado a poente, onde se encontra também o bar, podendo quando permitido, os espectáculos serem vistos pelo exterior da blackbox.

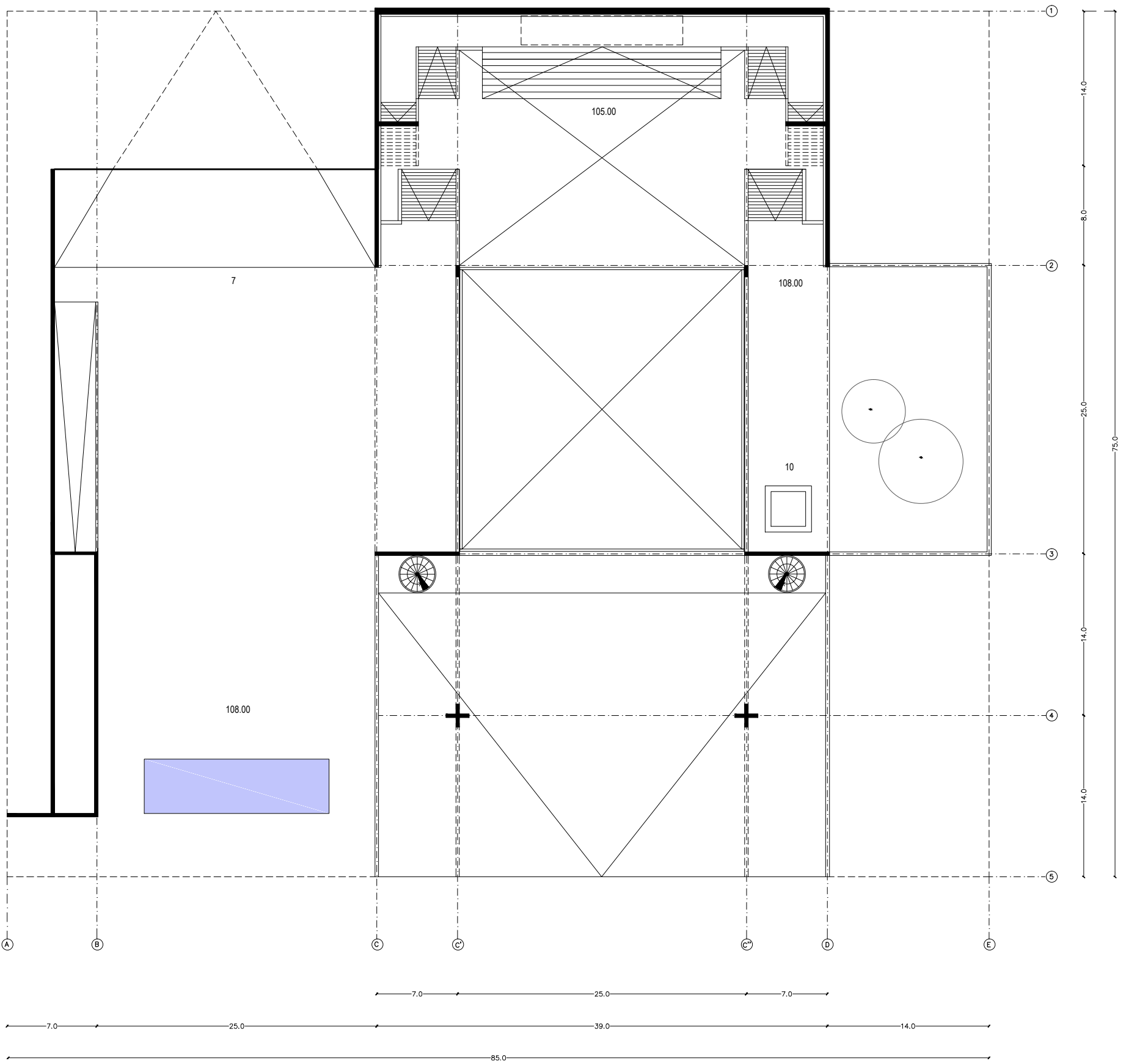
O átrio exterior é relvado, dando assim continuidade ao novo parque urbano, a zona de representação exterior tem como pavimento lajetas de betão branco e as zonas de circulação no interior do edifício são de betonilha branca afagada.



Maqueta de cheios/vazios - Vista Sul/Poente



Maqueta de cheios/vazios - Vista Nascente



7.Espaço de Representação Exterior 10. Bar

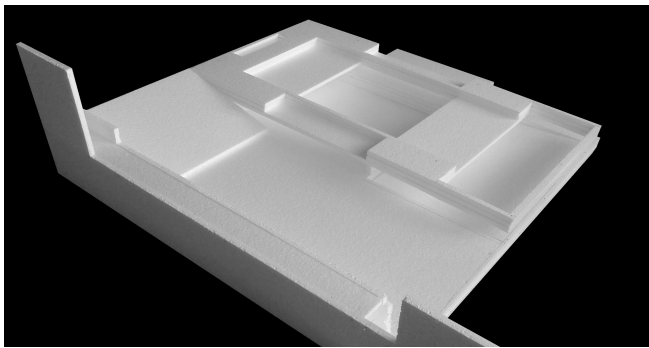
0 10
N Δ
Planta Piso 1

PISO 2

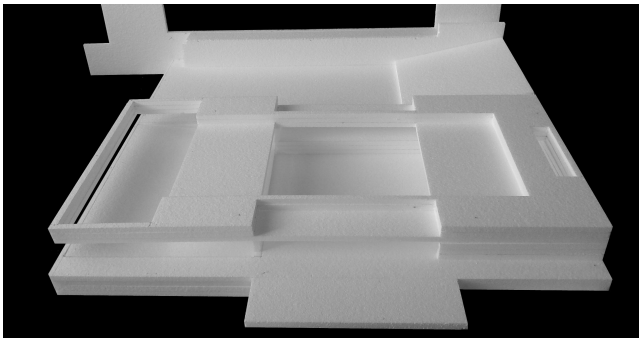
Neste piso, que se encontra à cota 112 situam-se a recepção e a régie, tal como dois espaços de trabalho informais com vistas sobre o parque urbano, ao mesmo tempo que dão acesso às salas de ensaio, que através de paredes móveis permitem tornar estes espaços numa sala ampla.

Tanto nas salas de ensaio como na recepção é possível – através de paredes de vidro, quando as paredes móveis situadas a Sul e Norte baixam e encerram o espaço – ver o interior da blackbox, prolongando e unindo visualmente estes espaços. Junto às salas encontram-se os espaços de apoio às mesmas, tanto instalações sanitárias como arrumos.

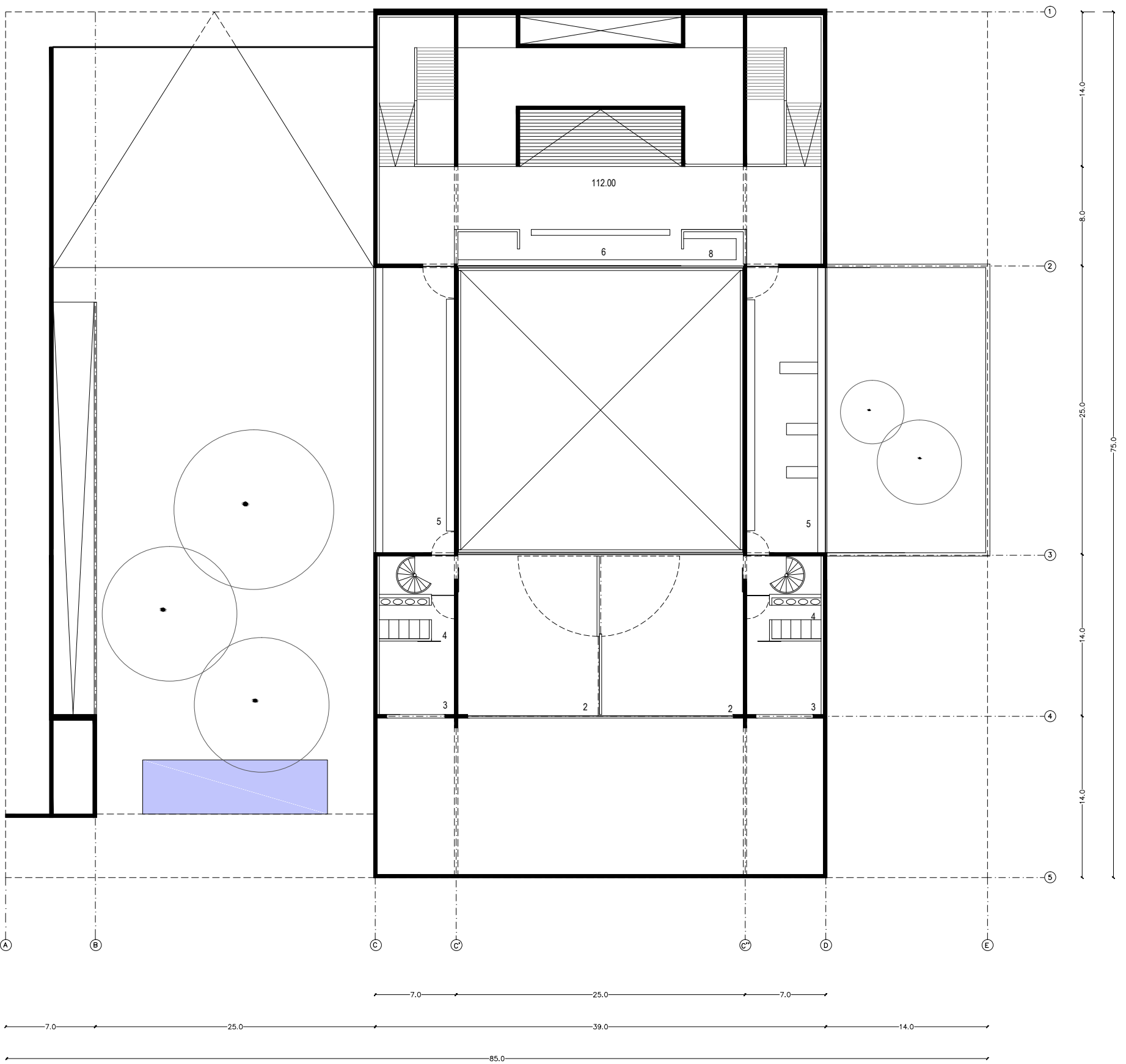
Nos openspaces, ou seja, nos espaços de trabalho informais, o revestimento do pavimento é composto por madeira, tal como as paredes até ao nível dos armários, surgindo na parte superior e no tecto o reboco pintado a branco onde incidirá a luz proveniente de projectores por cima dos armários.



Maqueta de cheios/vazios - Vista Sul/Poente



Maqueta de cheios/vazios - Vista Nascente

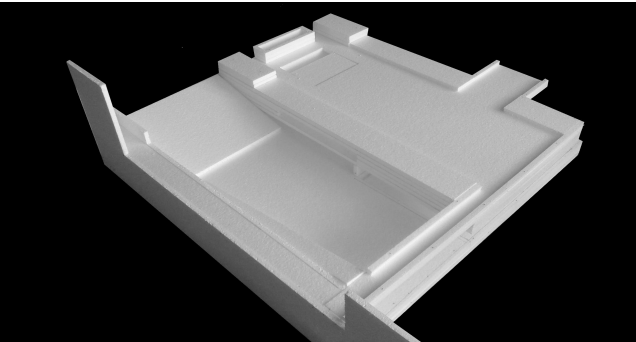


PISO 3

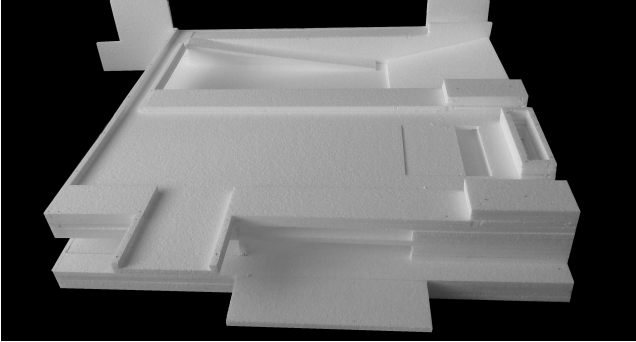
Este piso situa-se à cota 115, cota da plataforma que une as três faculdades e onde surge a entrada principal do edifício.

Ao descer uma ampla escadaria podemos ver o espaço da recepção e o interior da blackbox através da parede de vidro. Na mesma cota que a plataforma é possível aceder à cobertura do edifício - uma praça com vista sobre a cidade e o rio, tal como do novo parque urbano – e através de pontes, aceder tanto à praça do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas como à Faculdade de Arquitectura.

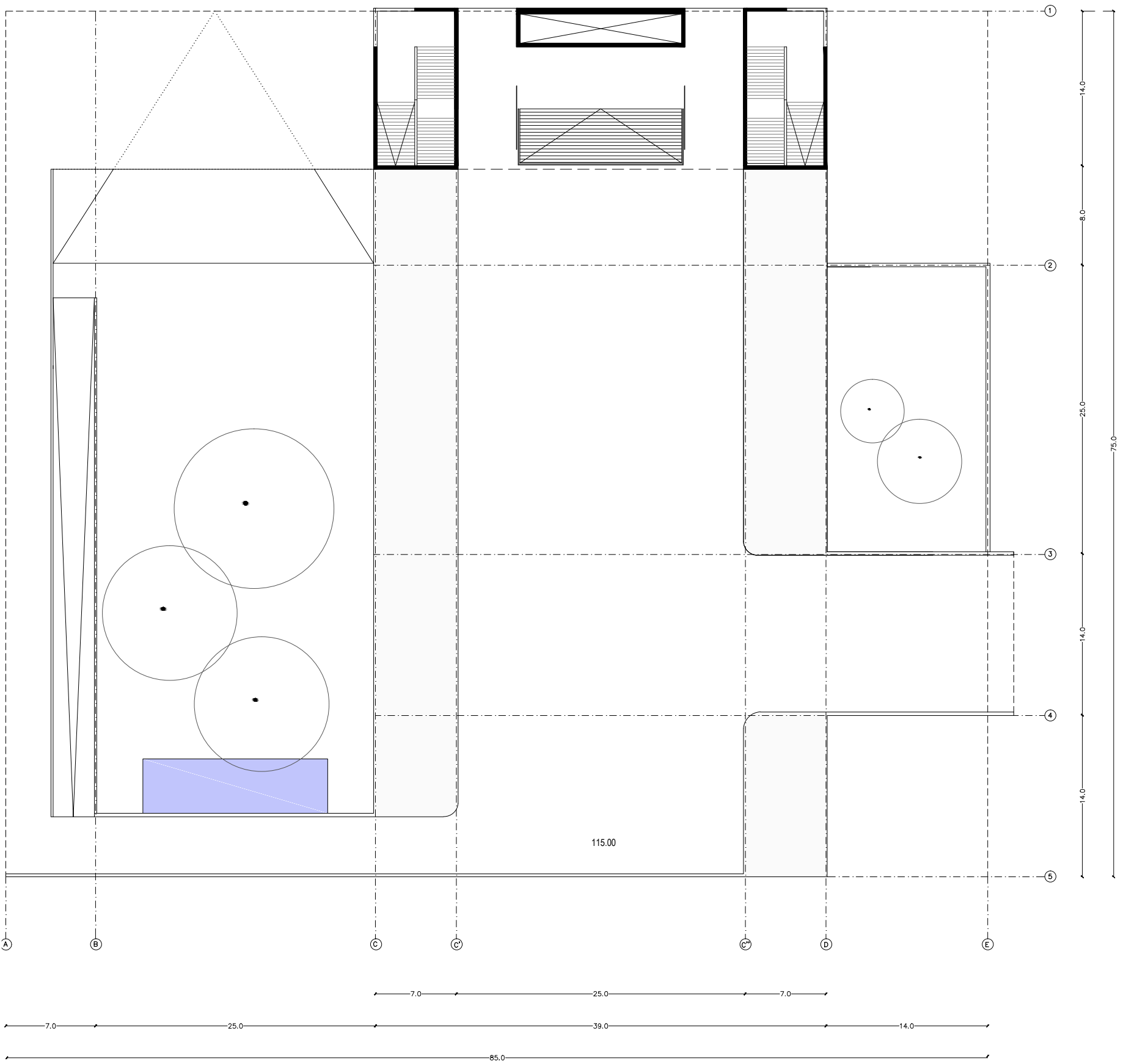
No interior da entrada é visível o betão branco, tal como no restante edifício, e o pavimento, desde a plataforma até às pontes de ligação a ambas as faculdades, tal como no espaço de representação exterior à cota 108 é de lajetas betão branco.



Maqueta de cheios/vazios - Vista Sul/Ponte



Maqueta de cheios/vazios - Vista Nascente

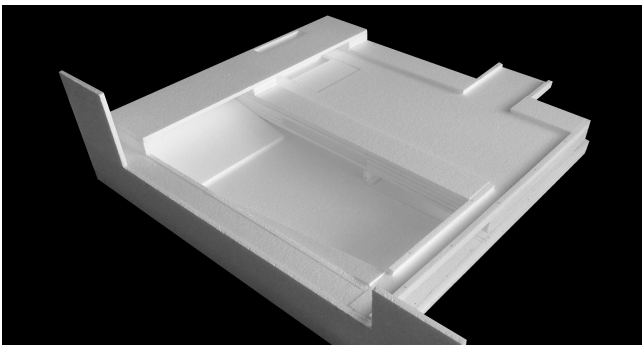


COBERTURA

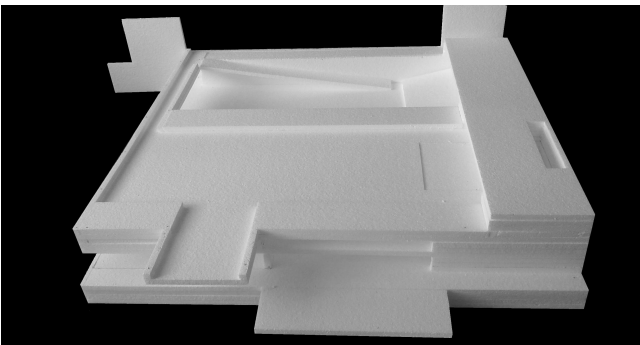
Esta cobertura surge como pórtico de entrada no edifício e na rampa informal (bancada) de acesso ao espaço de representação exterior.

Através de uma abertura é possível a entrada de luz zenital, não directa, para os pisos inferiores, iluminando assim a zona da bancada no interior do edifício. Todo o edifício é construído em betão armado branco, tal como as pontes de ligação às faculdades, como foi referido anteriormente.

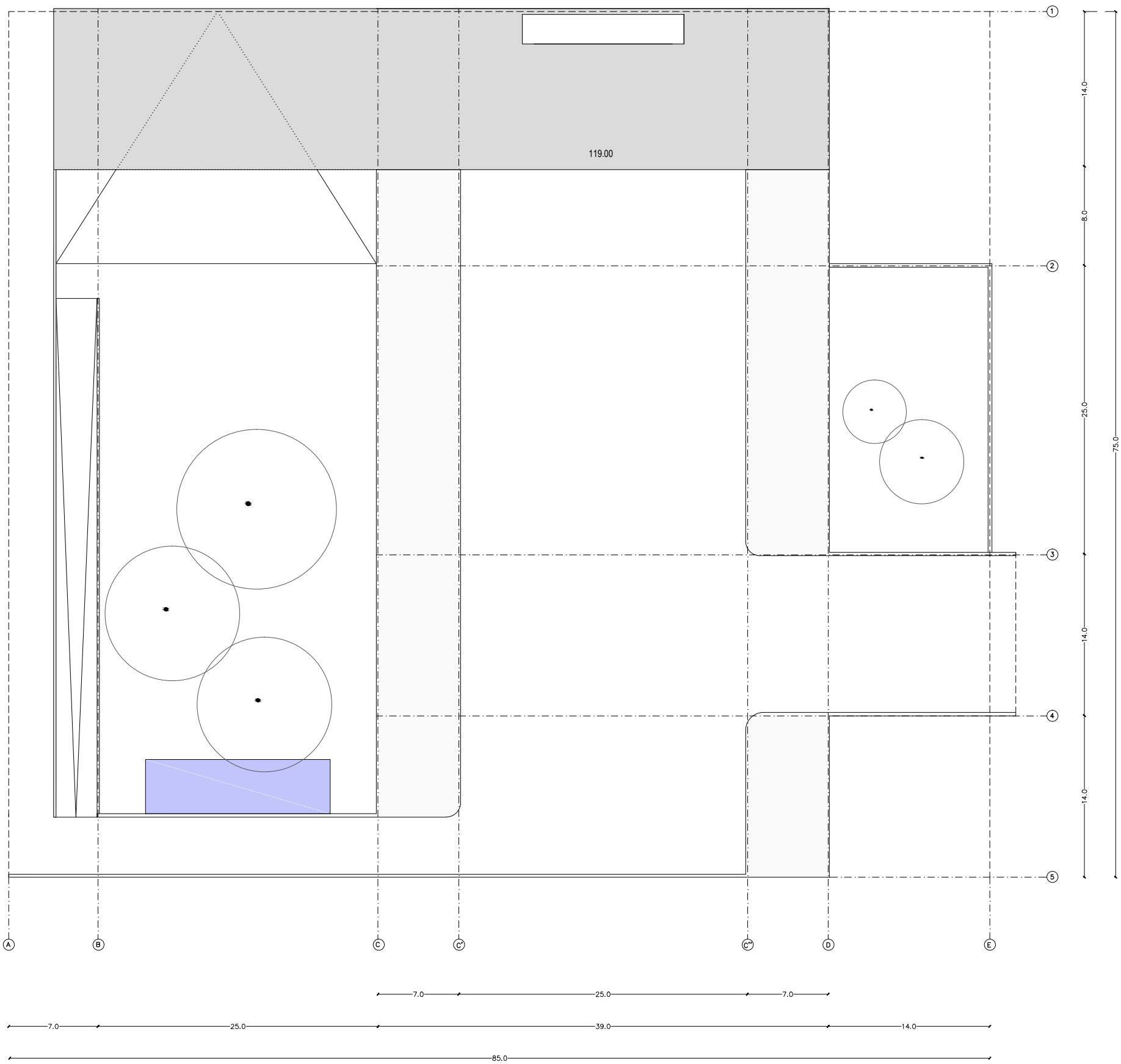
Os isolamentos e os revestimentos de todas as salas, instalações sanitárias, etc, são feitos no interior, sendo possível em todo o edifício - no seu exterior - ver-se o betão branco, relacionando visivelmente o Centro de Experimentação Teatral com as duas faculdades, Faculdade de Arquitectura e ISCSP.

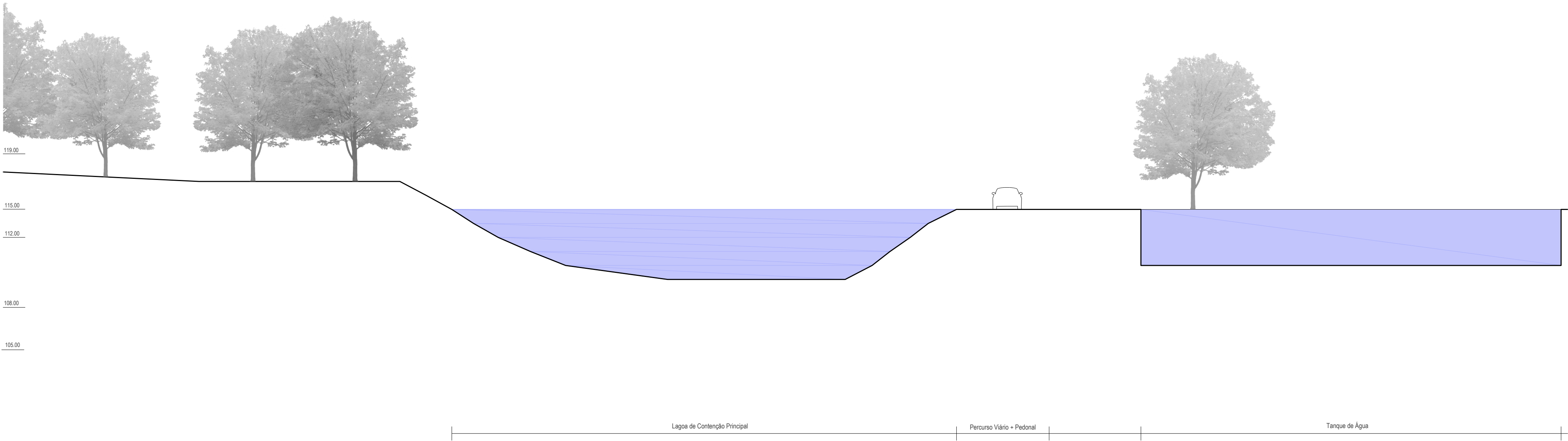


Maqueta de cheios/vazios - Vista Sul/Ponte



Maqueta de cheios/vazios - Vista Nascente

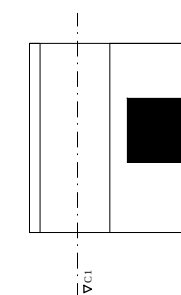






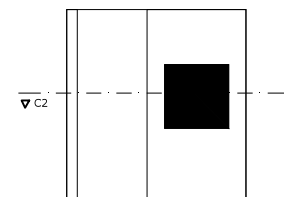
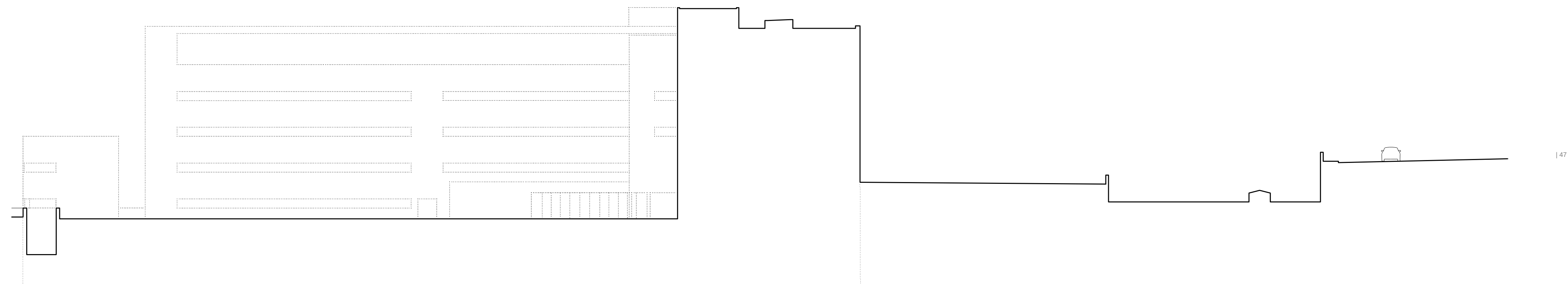
| 45

Bancada (Rampa Informal) Espaço de Representação Exterior Novo Espaço Verde Tanque de Água



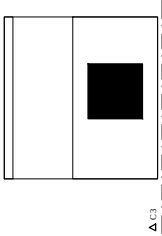
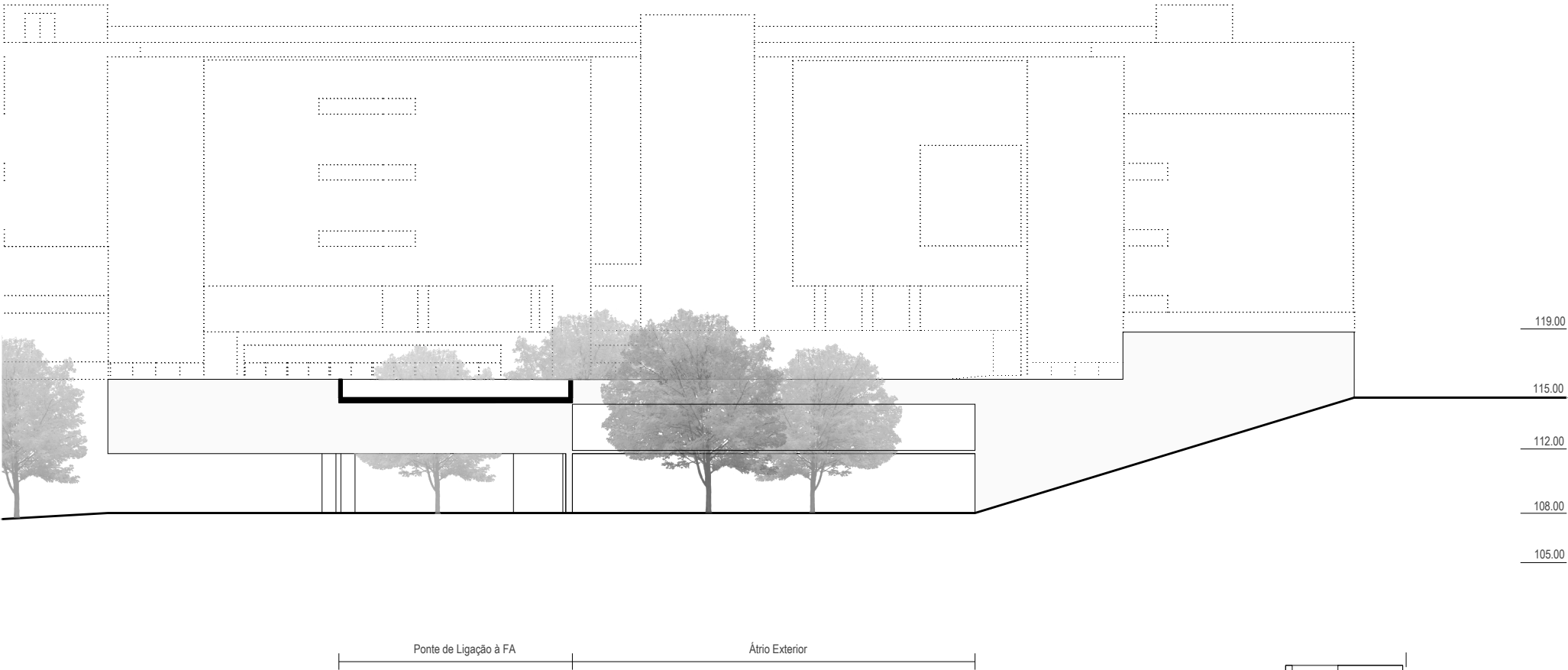
Corte C1
Alçado Poente
ESC. 1/200



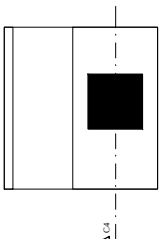
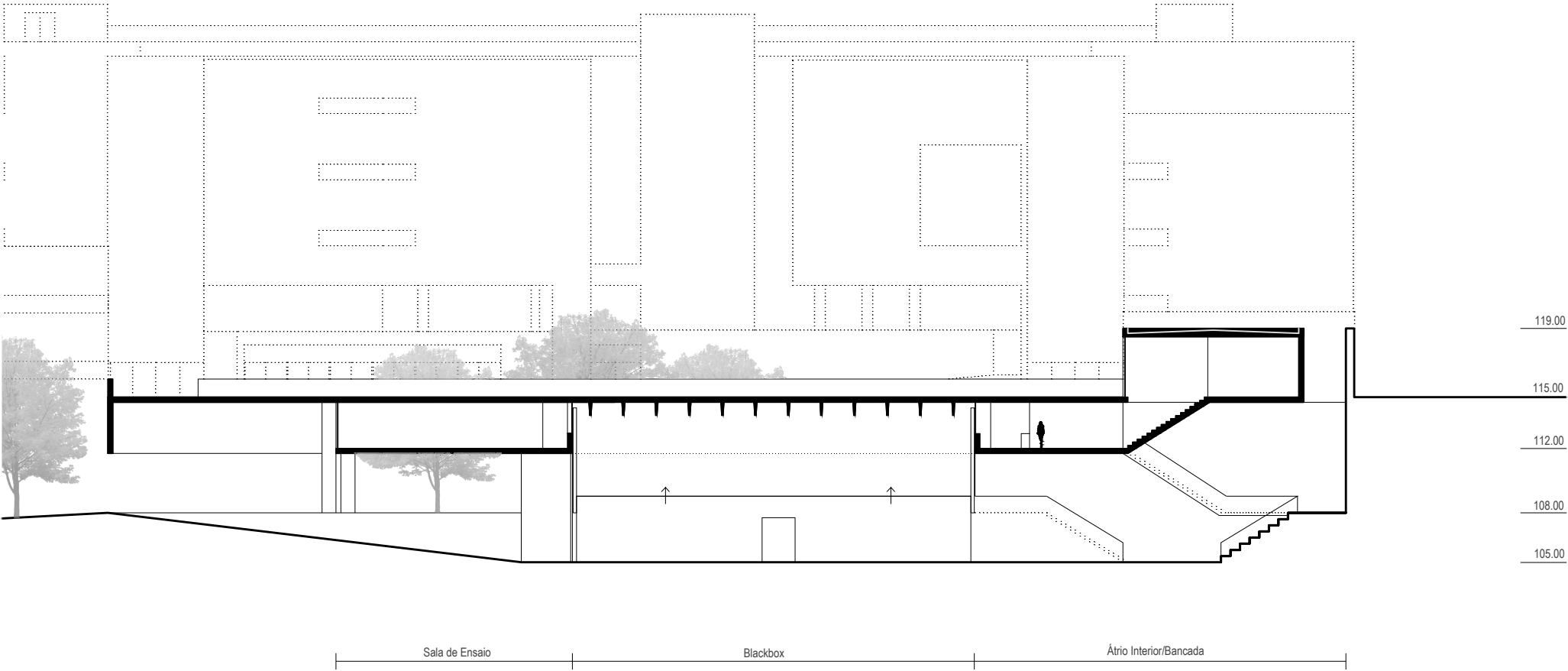


Corte C2
ESC. 1/300

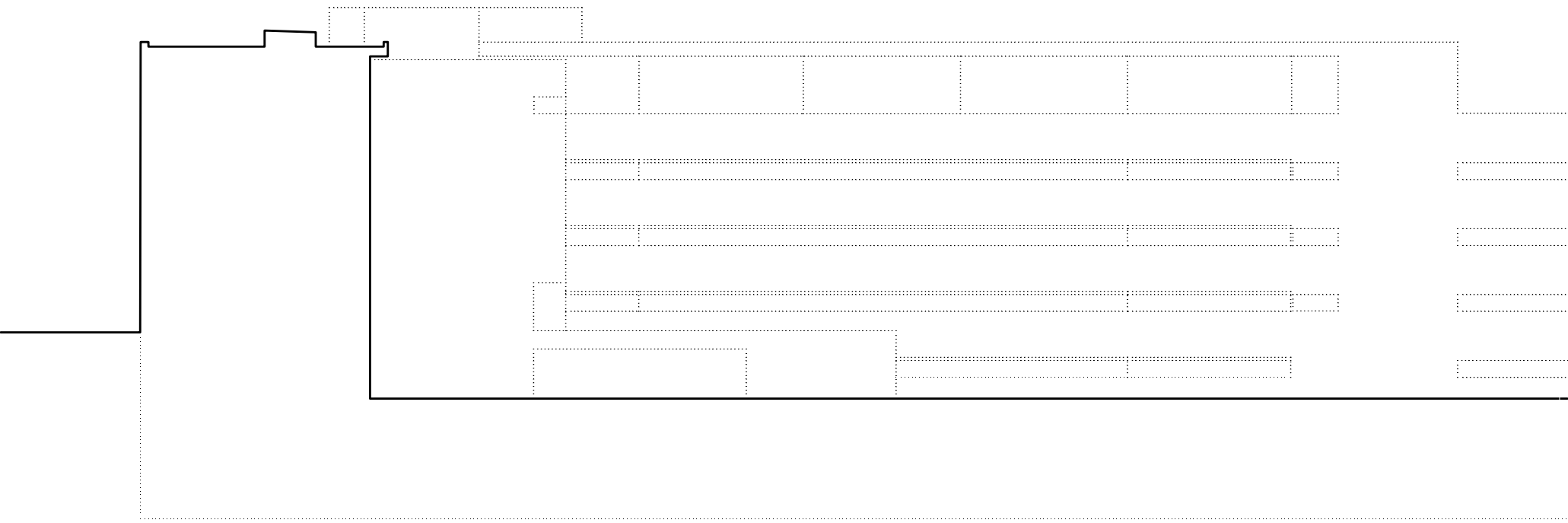
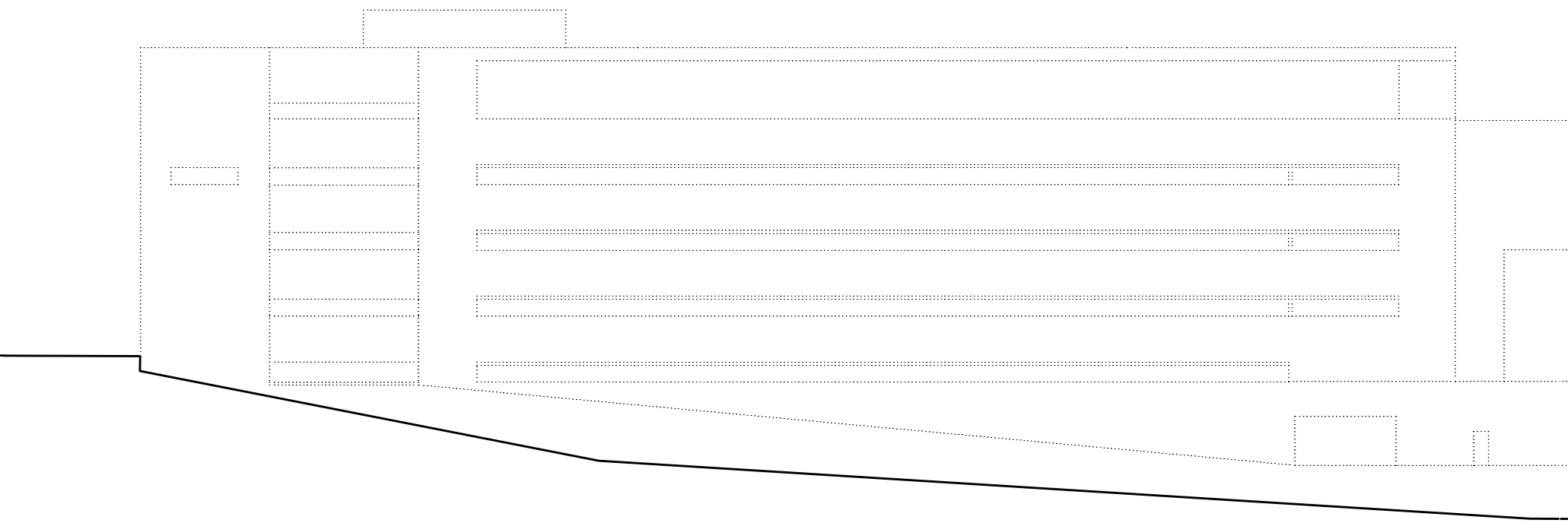


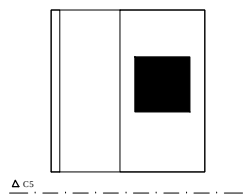


Corte C3
Alçado Nascente
Esc. 1/350

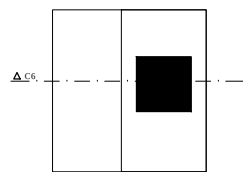


Corte C4
Esc. 1/350

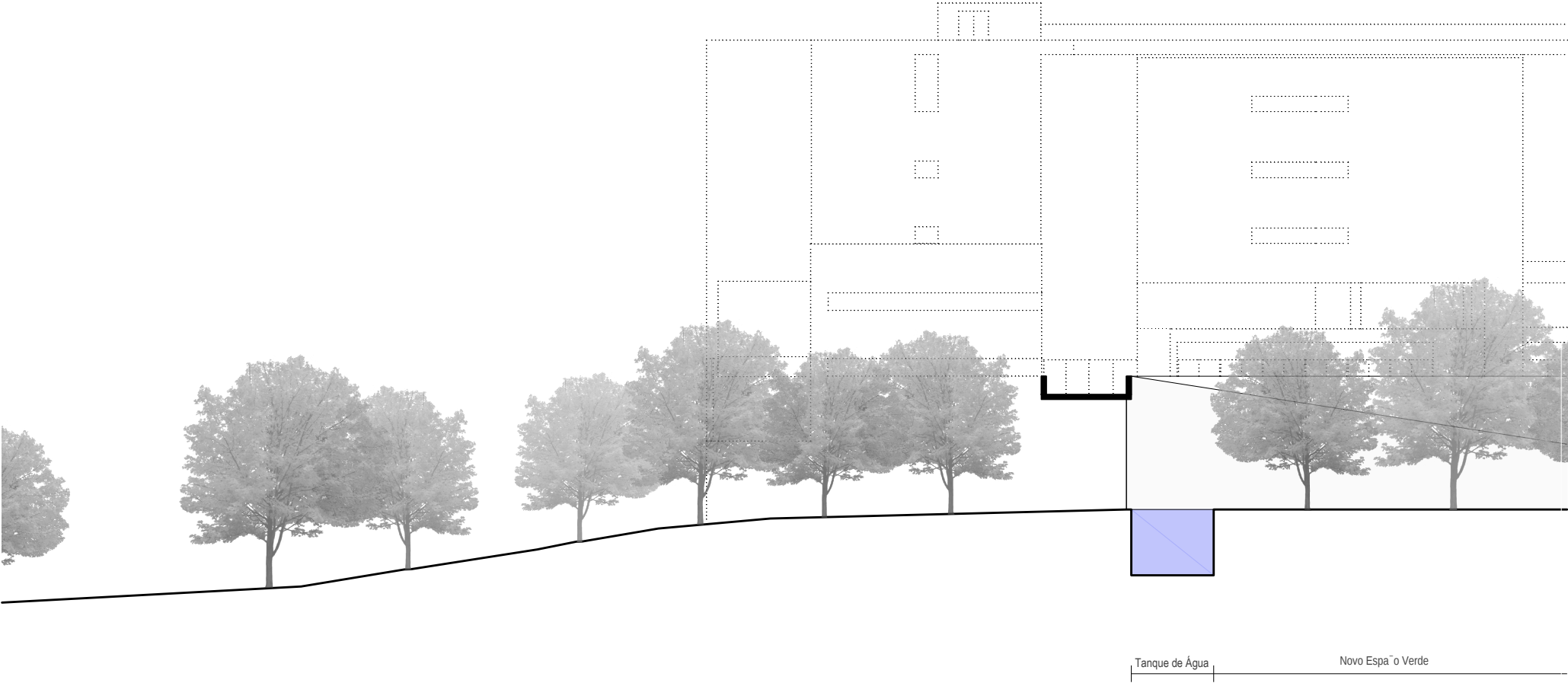
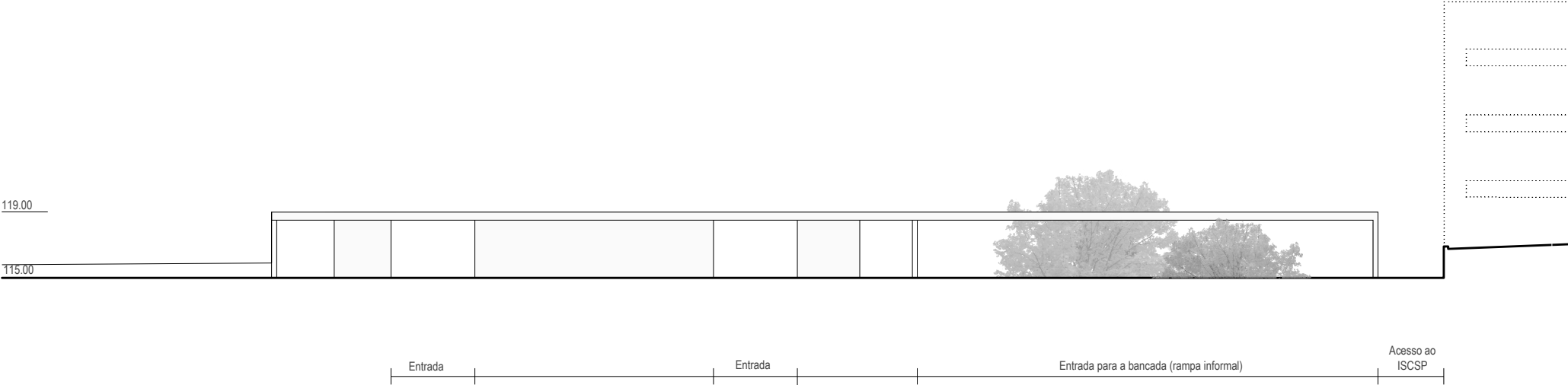


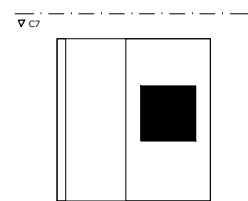
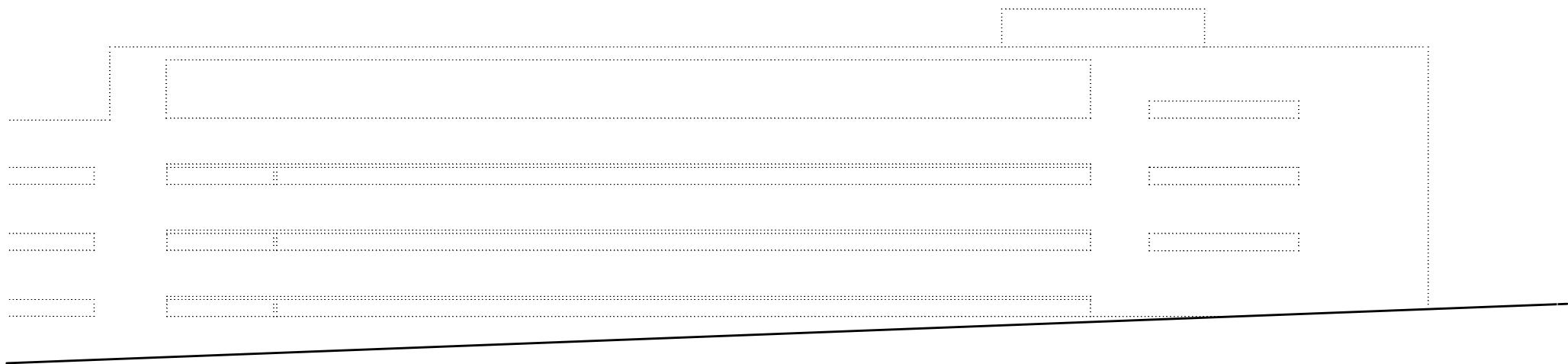


Corte C5
Alçado Sul
Esc. 1/350

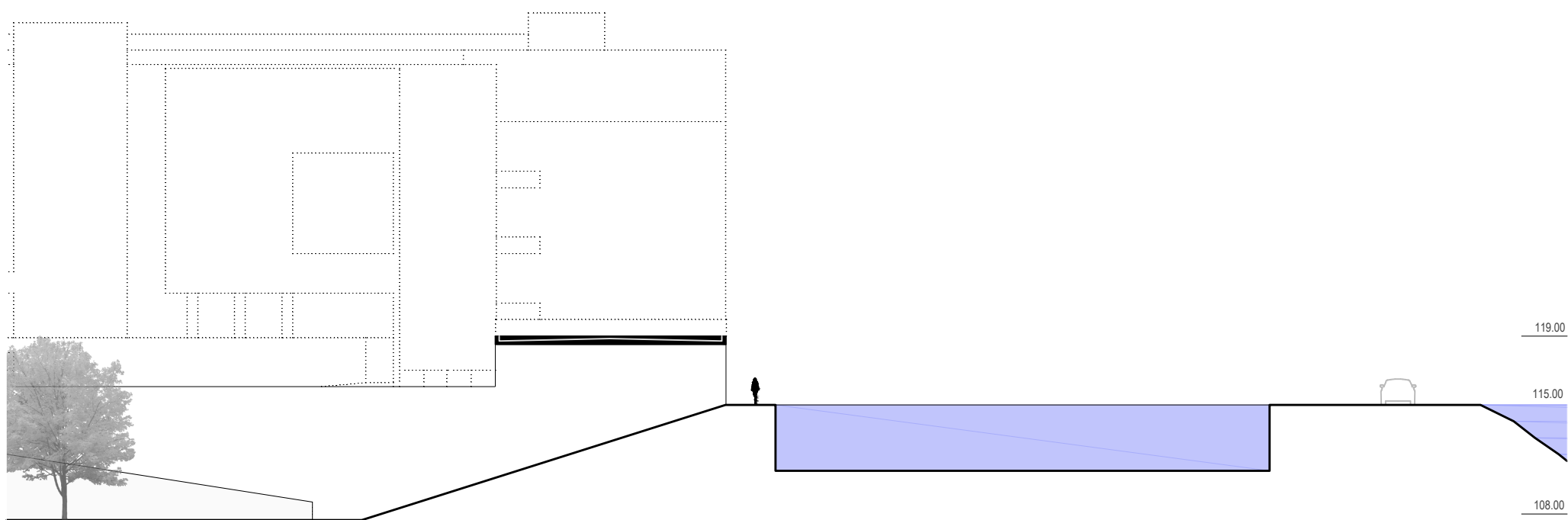


Corte C6
Esc. 1/350





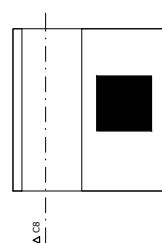
Corte C7
Alçado Norte
Esc. 1/350



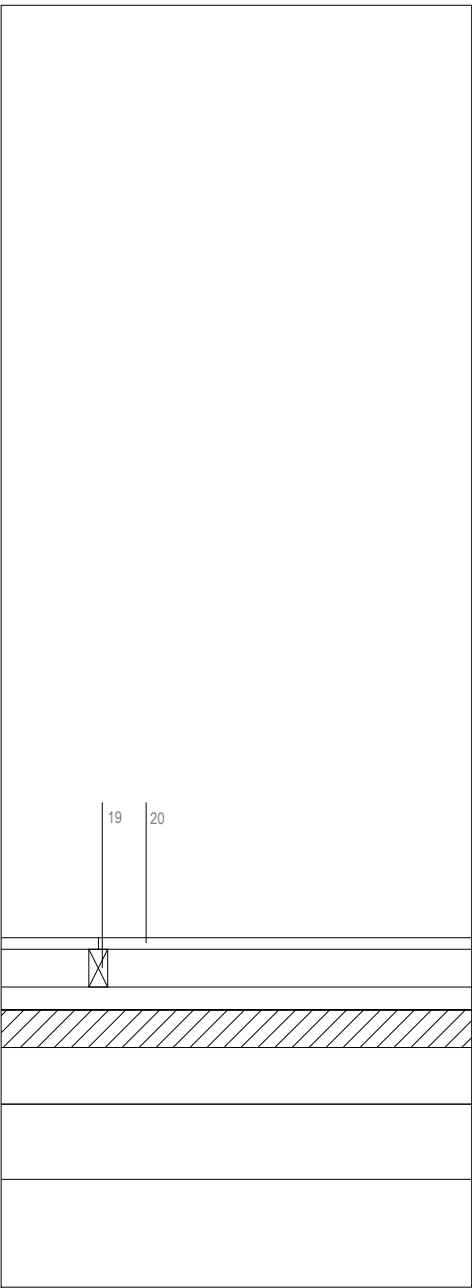
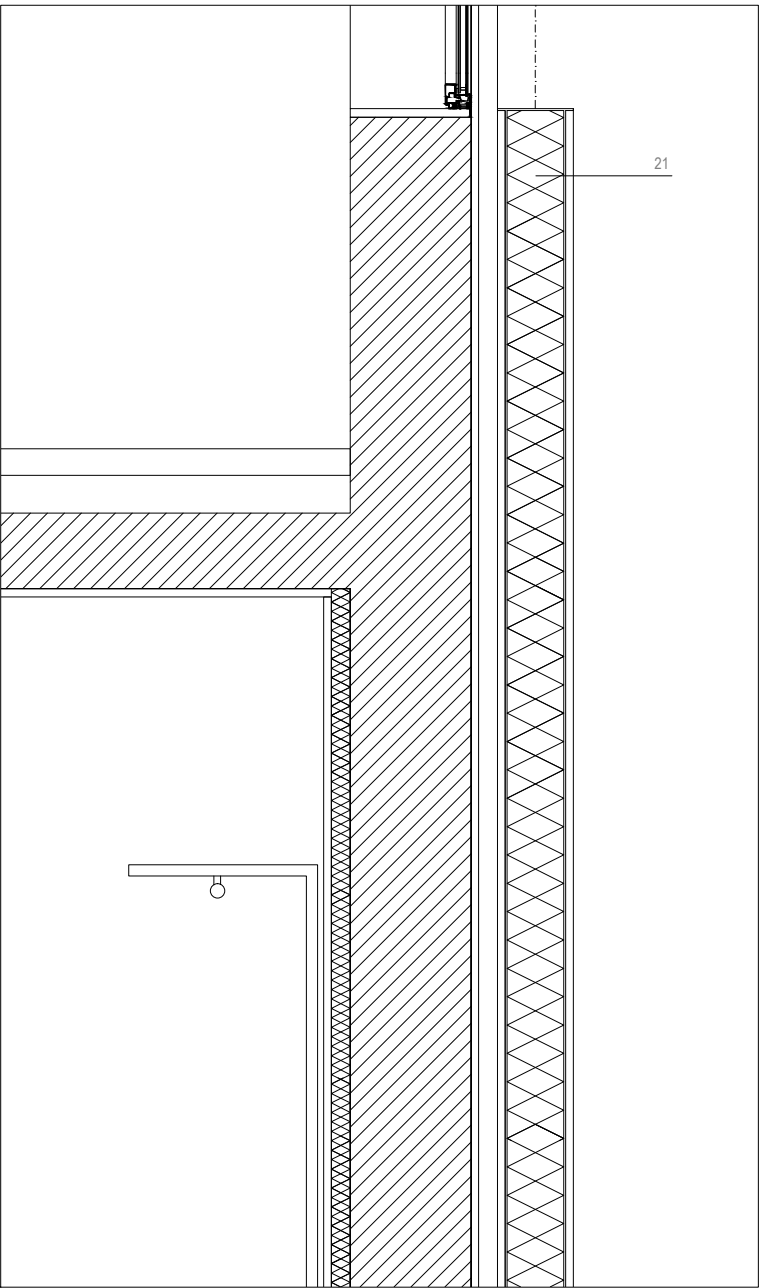
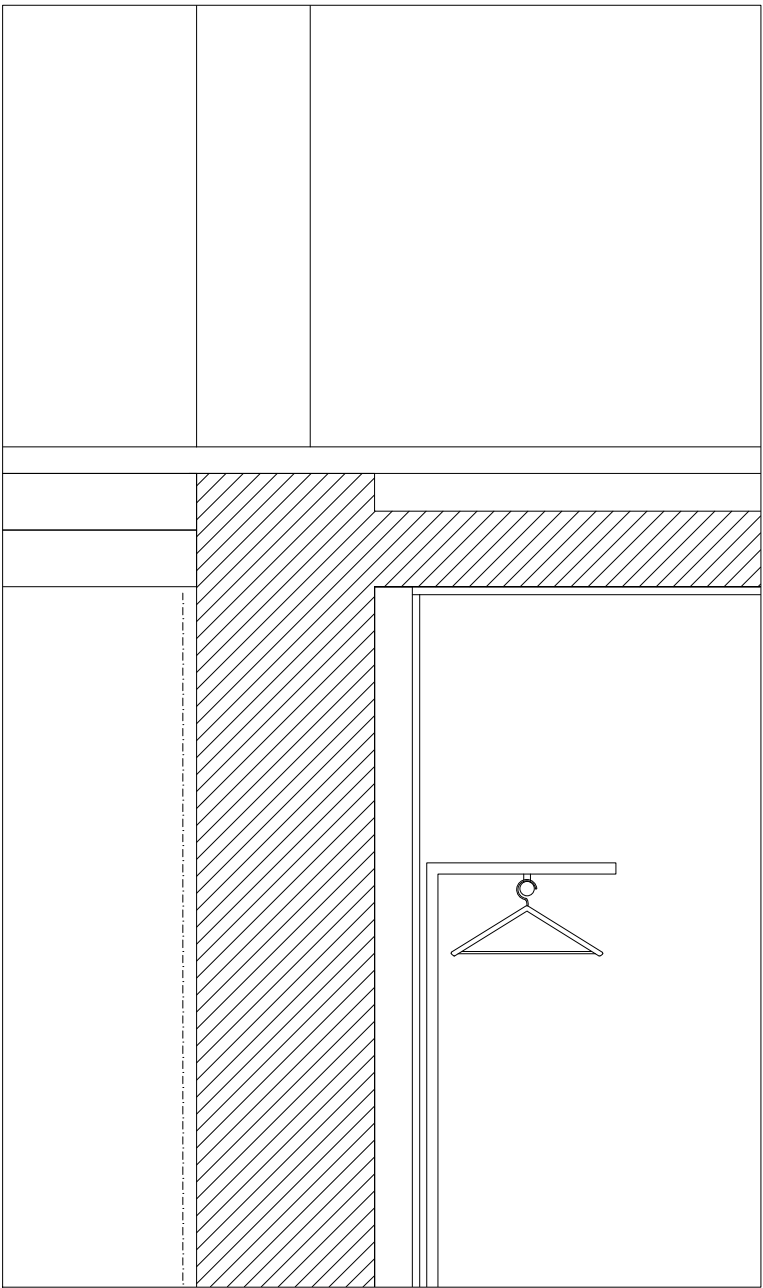
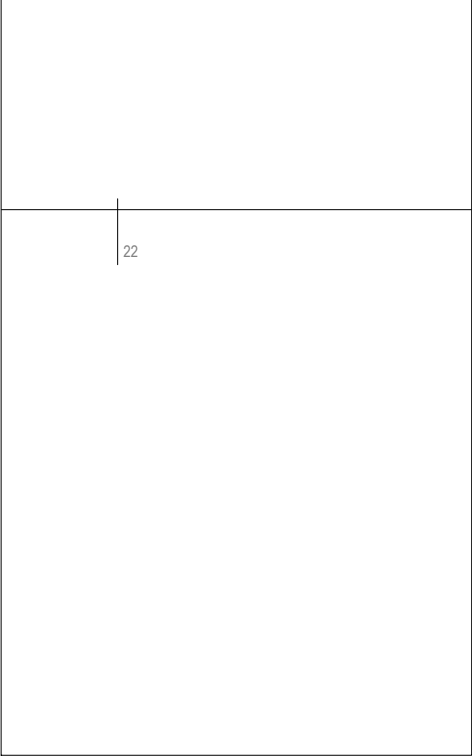
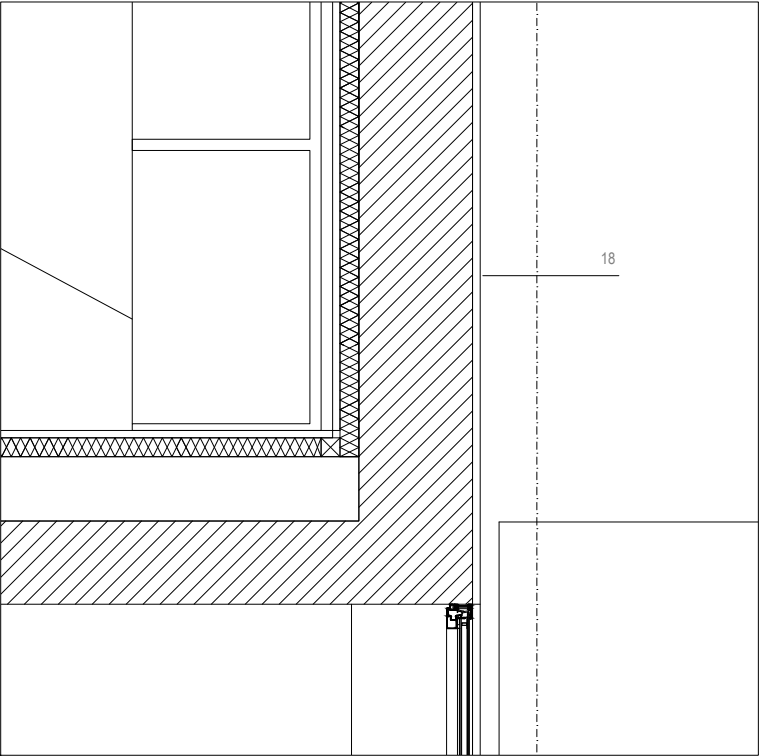
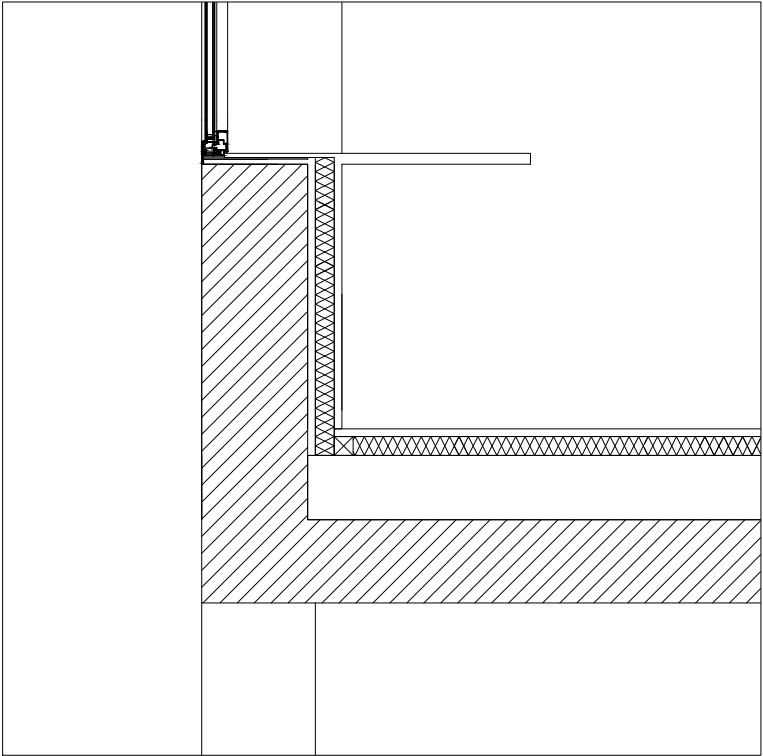
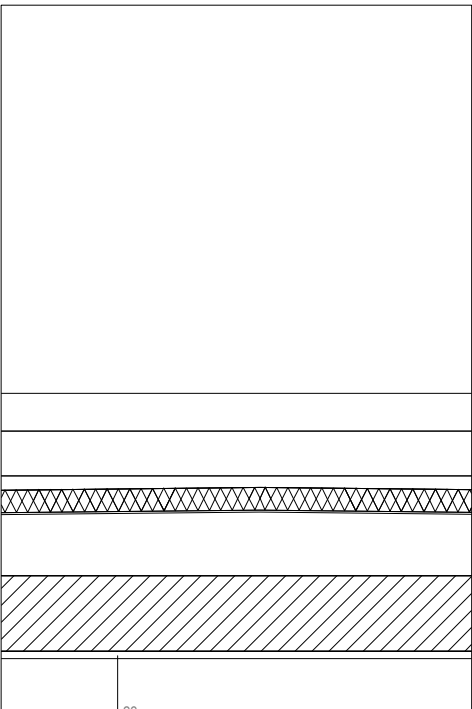
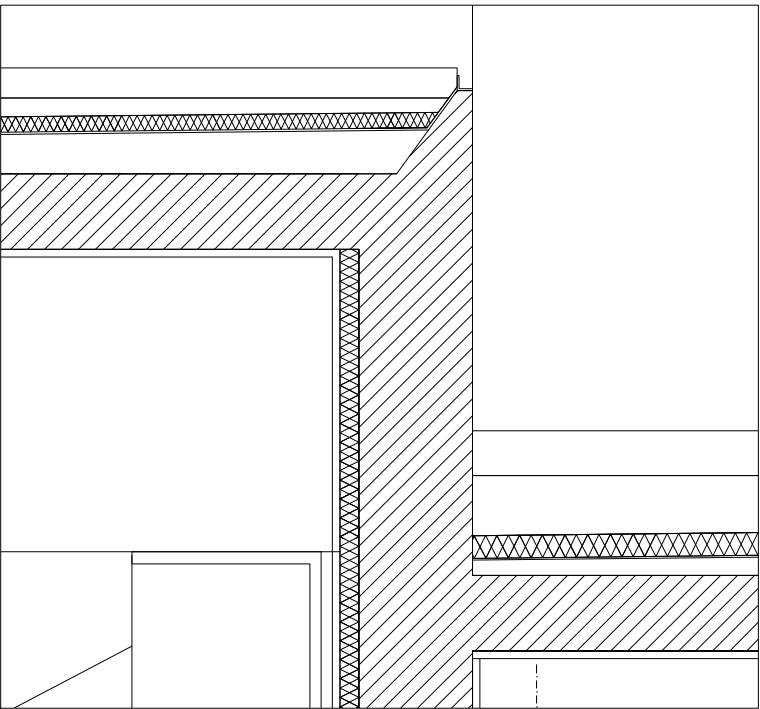
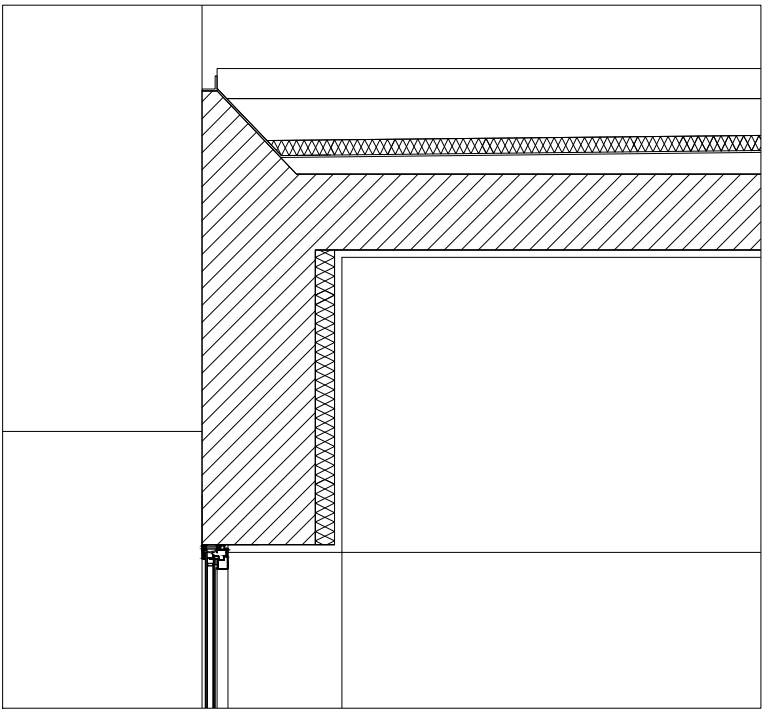
Espaço de Representação Exterior

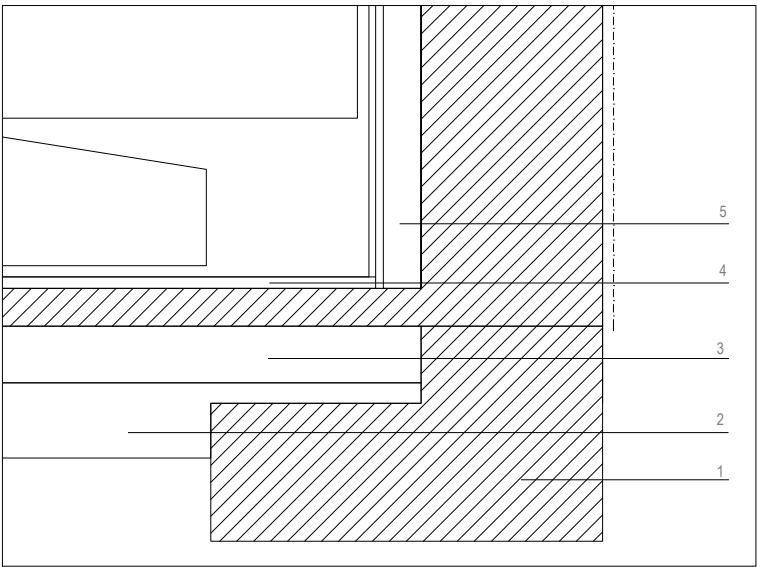
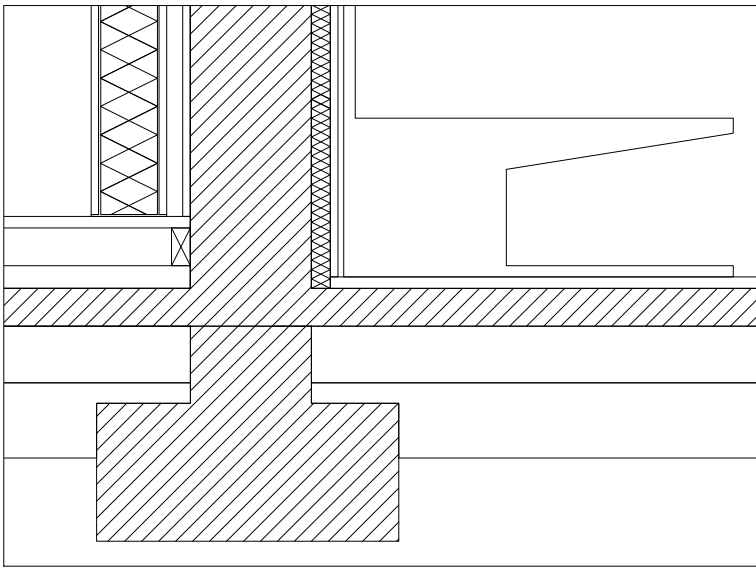
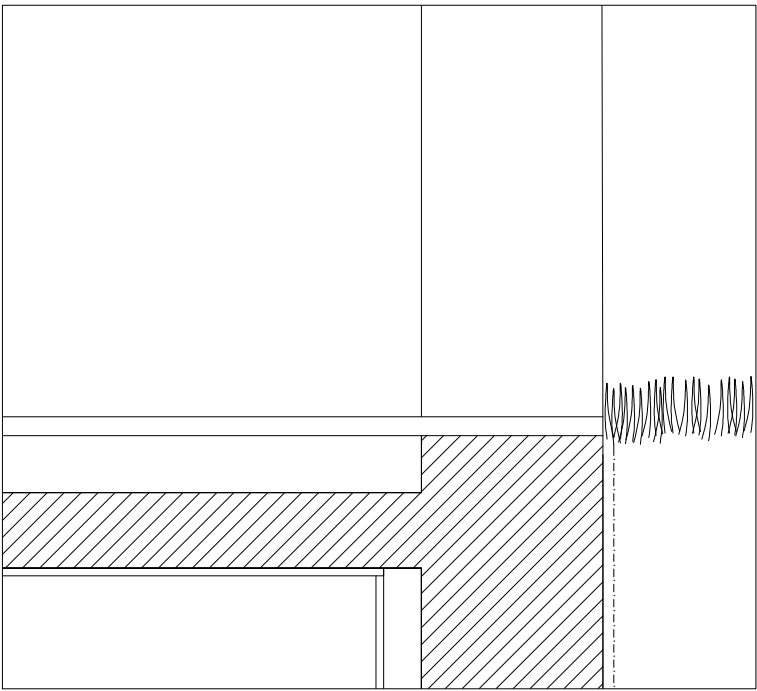
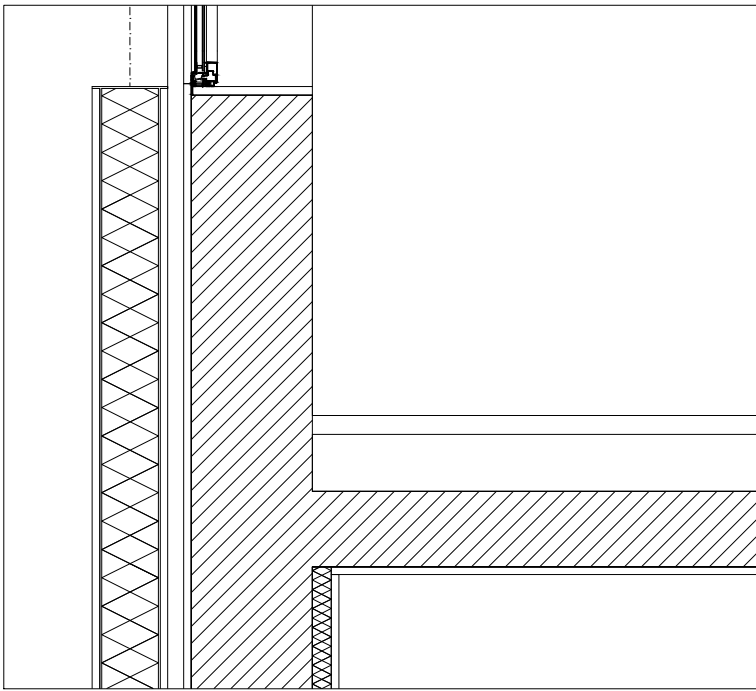
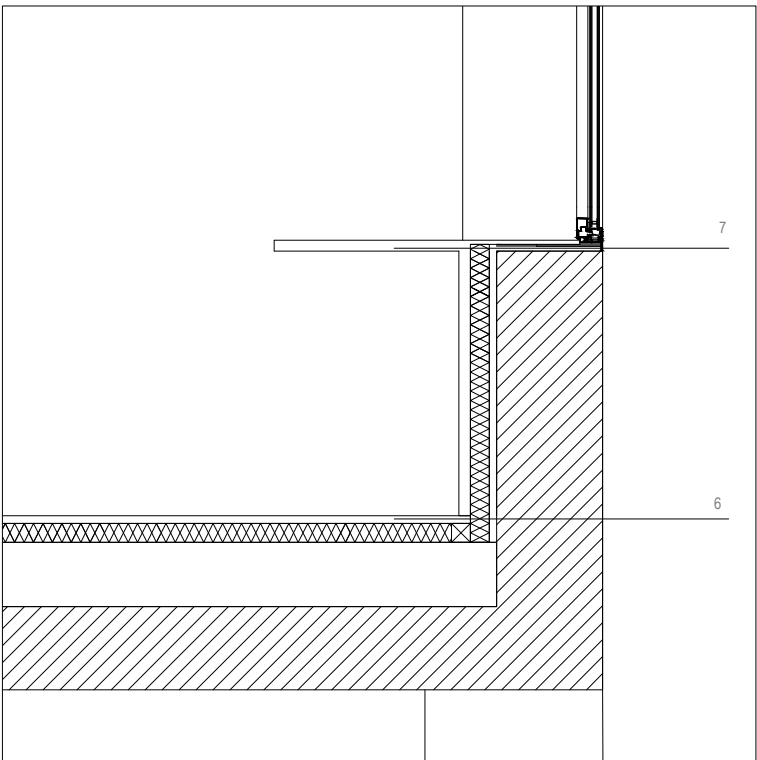
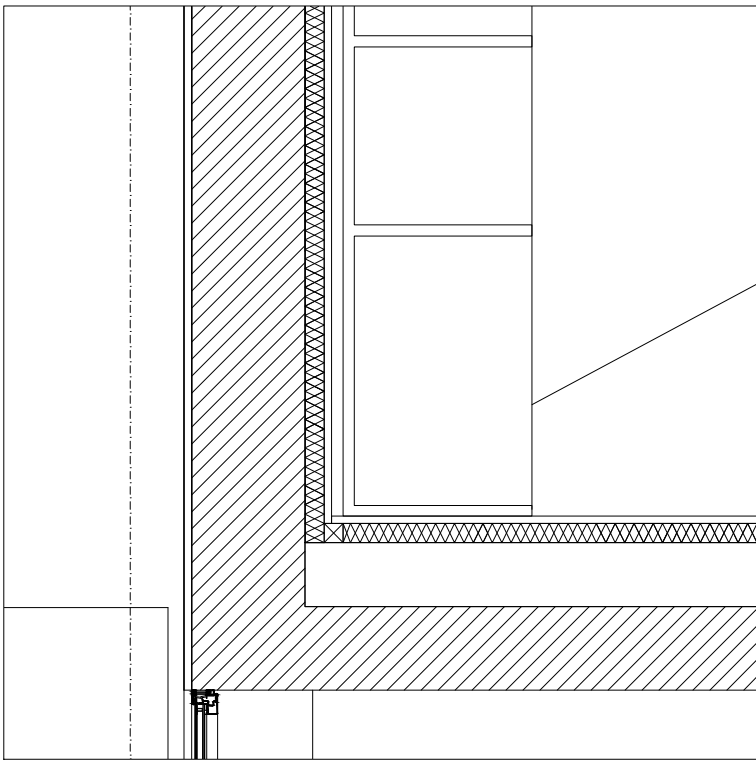
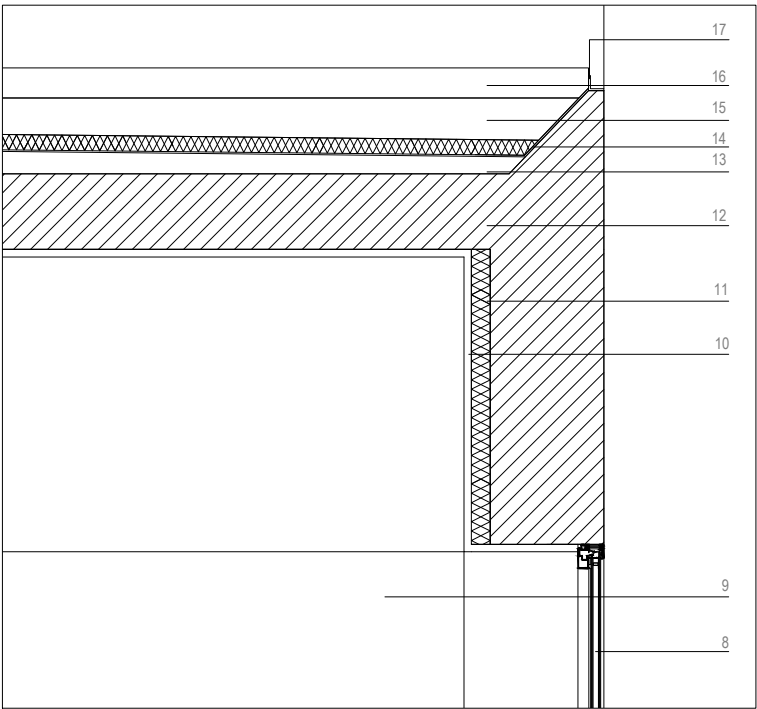
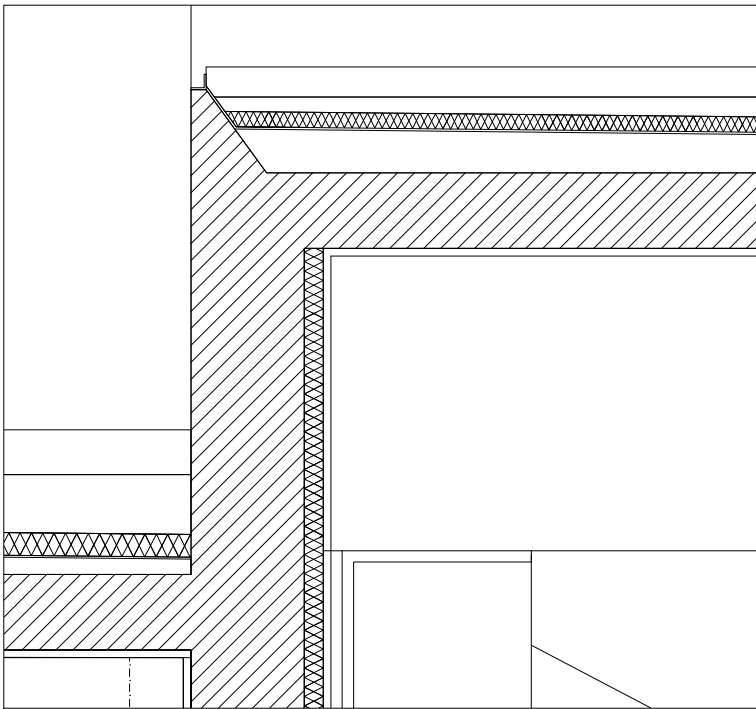
Bancada (Rampa Informal)

Tanque de Água

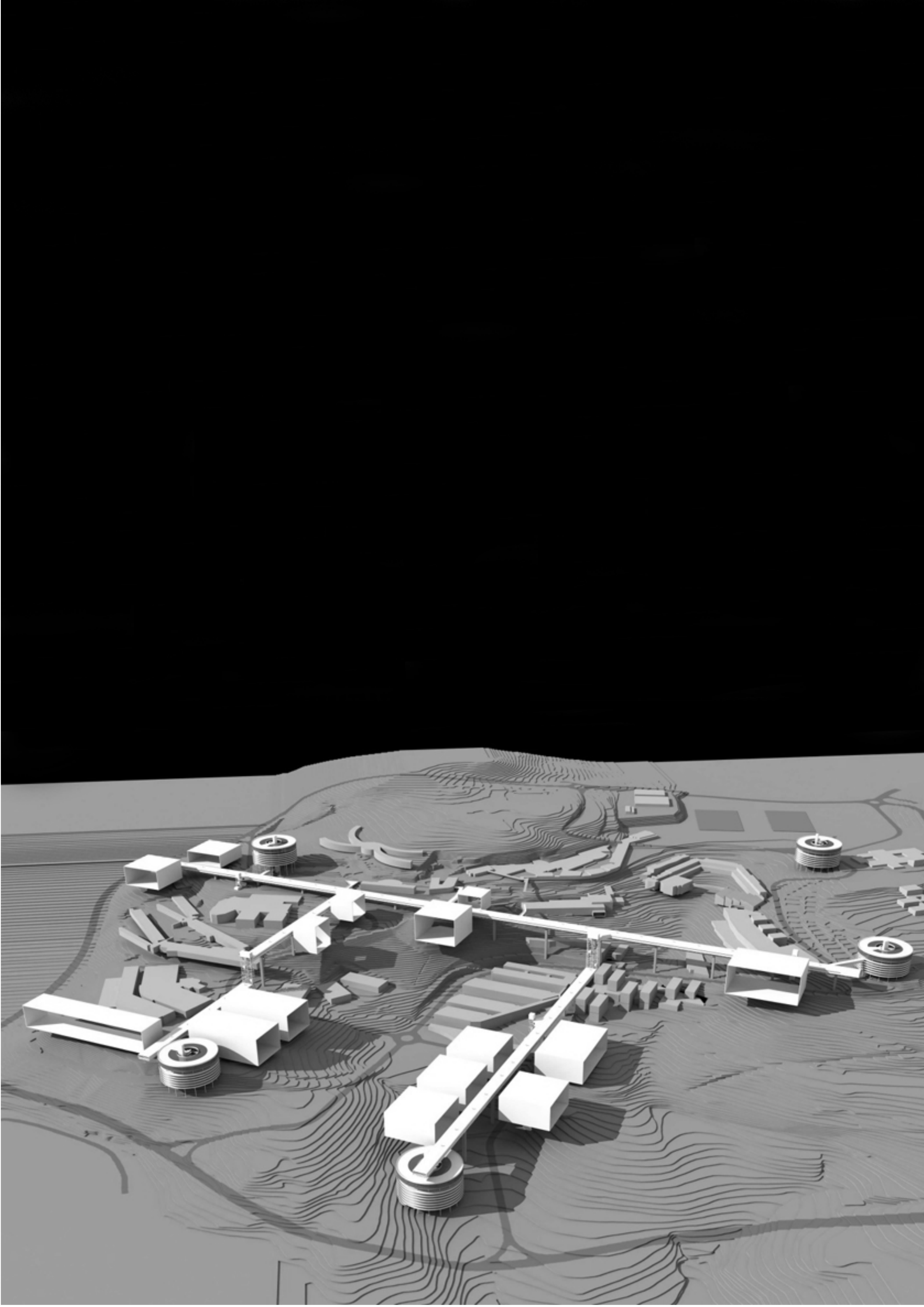


Corte C8
Esc. 1/350





1. Sapata de Betão
2. Enrocamento
3. Compactação
4. Betonilha
5. Parede de Alvenaria
6. Pavimento de Madeira
7. Bancada de Madeira
8. Vidro Duplo
9. Revestimento a Madeira
10. Reboco Pintado a Branco
11. Isolamento Térmico XPS
12. Betão Armado Branco
13. Camada de Forma
14. Tela de Impermeabilização
15. Gravelha
16. Betão Leve
17. Chapa de Aço Inox
- 18.Revestimento a Gesso Acústico Pintado a Preto
19. Vigota de Madeira
20. Pavimento de Madeira Preta
21. Parede de Lã de Rocha + Gesso Acústico Pintado a Preto + Estrutura de Chapa Metálica
22. Viga T
23. Gesso Cartonado Pintado a Preto



ESPAÇO PÚBLICO COMO LIGAÇÃO

La historia de la ciudad es la de su espacio público. Las relaciones entre los habitantes y entre el poder y la ciudadanía se materializan, se expresan en la conformación de las calles, las plazas, los parques, los lugares de encuentro ciudadano, en los monumentos. La ciudad entendida como sistema, de redes o de conjunto de elementos – tanto si son calles y plazas como si son infraestructuras de comunicación (estaciones de trenes y autobuses), áreas comerciales, equipamientos culturales es decir espacios de uso colectivos debido a la apropiación progresiva de la gente – que permiten el paseo y el encuentro, que ordenan cada zona de la ciudad y le dan sentido, que son el ámbito físico de la expresión colectiva y de la diversidad social y cultural. Es decir que el espacio público es a un tiempo el espacio principal del urbanismo, de la cultura urbana y de la ciudadanía.

Jordi Borja e Zaida Muxi in
"Espacio público, ciudad e ciudadanía", 2000

Fig. 11
Maquete virtual do Campus de Vigo

PÓLO UNIVERSITÁRIO DA AJUDA

Situação Actual

O polo universitário do Ajuda é delimitado a Sul pela malha urbana, pelos bairros sociais e Palácio Nacional da Ajuda, a nascente pelo Instituto Superior de Agronomia e a Norte e Poente pelo Parque Florestal de Monsanto.

O pólo é constituído pela Faculdade de Arquitectura (FA), sendo esta a primeira a ser edificada, a Faculdade de Medicina Veterinária (FMV), pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP), pela Cantina da Universidade Técnica de Lisboa e pelo Pavilhão Desportivo (CEDAR).

Relativamente à circulação viária, existe um acesso para Monsanto a Norte, e a Sul existe uma ligação com a Calçada da Ajuda, ambas com acesso directo ao pólo. Este é definido por duas largas Avenidas – Avenida da Universidade Técnica e a Rua de Sá Nogueira – propostas no Plano de 1993. Apesar de estruturarem o campus, estas não se adequam à escala do mesmo, existindo uma descontinuidade urbana a nível viário e pedonal, tornando pouco claro a transição do Parque à cidade.

O estacionamento do Campus encontra-se ao longo da Rua de Sá Nogueira, nos espaços entre a Faculdade de

Arquitectura e a Cantina, entre a mesma e a Faculdade de Medicina Veterinária e junto à entrada do ISCSP.

As três faculdades possuem estacionamento próprio, mas não é possível aceder aos mesmos, no caso da FA e do ISCSP, sendo o mesmo reservado.

Os espaços adjacentes às faculdades são pouco qualificados, não existindo nenhum espaço verde, de lazer, tal como acontece em certas zonas do Parque de Monsanto. Encontra-se assim zonas de vegetação rasteira, por vezes descuidada, descaracterizando o pólo ao mesmo tempo que não tem nenhuma ligação com o Parque nem com a cidade.

Apesar de existirem vários percursos pedonais que permitem uma ligação do pólo a Monsanto estes não são percursos qualificados nem pensados para tal. Existe também uma ligação deste campus ao ISA, no espaço onde passava antigamente o muro da Tapada, mas no entanto, este encontra-se encerrado.

Dentro dos limites do campus encontra-se uma bacia hidrográfica que recolhe a água da chuva e escorre pelo talvegue, até ser encanada pelo Rio Seco e desaguar no Rio Tejo.



Fig. 12
Ortofotomapa do Alto da Ajuda - Local de Intervenção
Situação actual

CONTINUIDADE

O Homem, enquanto ser social, relaciona-se e interage com outros indivíduos. Desta forma, estas relações surgem nos espaços públicos que se afirmam como elementos estruturadores e organizadores da forma urbana, permitindo um funcionamento equilibrado da vida nas cidades.

O espaço público ostenta um papel integrador ao consentir a união e continuidade territorial e funcional da cidade, criam e fortalecem laços sociais ao se formarem palcos de várias manifestações sociais, entre outras, que contribuem para a qualidade de vida. Distinguem-se como marcos de identidade da urbe, demonstram simbolismo, político e cultural, apresentam várias funções e práticas específicas, ao mesmo tempo que acolhem indivíduos de diferentes grupos sociais, desde habitantes a turistas que mostram diversas expectativas. Certamente, se identificam como meios qualificadores da colectividade quer em termos urbanísticos, de apropriação física, quer em termos histórico-culturais, sociais e identitários que determinam tanto a existência como vivência urbana.

Se antes o espaço público era pensado e desenhado

para cumprir objectivos de controlo social, hoje em dia, enfoca-se não no espaço em si, mas nas estratégias e táticas, e nas formas de actuar sobre esse espaço.

Pode-se dizer então que o espaço público tem qualidades formais na continuidade do espaço urbano e na organização do mesmo, nas suas formas e desenho, nos materiais, etc., relaciona-se de forma directa com a cidade e o seu traçado, compreende um sistema arterial de espaços, relativamente independentes dos edifícios que providenciam uma unidade formal à cidade e podem ser condicionados pelas várias funções, tanto pelas acessibilidades, como pela segurança, versatilidade, entre outras condições.

Quanto mais pessoas usufruírem de um espaço, mais aprazível este se torna e melhor se define a qualidade do espaço público. Estes espaços tendem essencialmente à junção social, devendo estes serem adequados a diferentes grupos sociais e culturais. Devem então ser espaços confortáveis, permeáveis, seguros, que permitam uma facilidade na continuidade e mobilidade dos vários percursos citadinos, salvaguardando os interesses de todos os indivíduos.



Acesso pedonal junto à cantina



Escadaria de acesso a bloco de aulas



Espaço entre edifícios



Aqueduto Real



Fig. 13
Pólo Universitário da Ajuda - Vista da Avenida, actual ligação ao Campus

REDE

As ruas e as praças, os parques urbanos e jardins, as alamedas e os largos, são exemplos de espaços públicos que englobam uma variedade de lugares. Estes originam uma rede de percursos que atravessam a cidade, estruturando-a, e ao mesmo tempo conferindo-lhe continuidade.

São estes elementos morfológicos coerentes e integrados que contribuem para o enriquecimento da urbe, surgindo como referências da própria cidade, apesar de se apresentarem com valores patrimoniais, formas e funções distintas.

A riqueza destes espaços urbanos não reside apenas na qualidade de cada um, mas na forma como estes se organizam e na geometria que cada um admite. Ao longo dos séculos os espaços públicos sempre permitiram aceder e ligar os vários usos desta, são como referido anteriormente, ao mesmo tempo espaços de encontro e reunião de pessoas, lugar de troca de informação e de bens e serviços, etc., lugares de circulação multifuncionais, que hoje em dia se apresentam também como espaços dedicados ao lazer e prática desportiva e até à preservação do ambiente.

Os elementos morfológicos das cidades e por sua vez do espaço público, como a rua, praça, edifícios e fachadas, entre outros, apenas diferem no modo como se organizam e posicionam, como se articulam entre si para compor o tecido urbano.

O uso tradicional desta contínua rede de ligação e união mantem-se - apesar da variação e da diversificação através do tempo - integrando um legado que nos foi transmitindo parte da identidade da cidade.

Os espaços públicos são portanto os vazios da cidade. Mais do que uma mera composição poética estes são composições funcionais que laboram em plena harmonia, onde é necessário uma continuidade e uma simbiose entre os diversos elementos estruturadores da cidade, pois um espaço por si só não perduraria.



Vista do Bairro 2 de Maio



Ligação viária à Cantina



Vista da rotunda entre as avenidas



Vista da Avenida para o Campus



Fig. 14
Pólo Universitário da Ajuda - Vista da Avenida, actual ligação ao Campus

RUA

"O traçado estabelece a relação mais directa de assentamento entre a cidade e o território.(...) a rua ou o traçado relaciona-se directamente com a formação e crescimento da cidade de modo hierarquizado, em função da importância funcional da deslocação, do percurso e da mobilidade de bens, pessoas e de ideias. É o traçado que define o plano - intervindo na organização da forma urbana a diferentes dimensões." ⁵

As ruas são os espaços do diálogo e da convivência, são os elementos estruturadores do traçado da urbe, meios facilmente identificáveis que regram a distribuição e organização da forma urbana e dos edifícios conectando-se às várias e diferentes partes do espaço urbano.

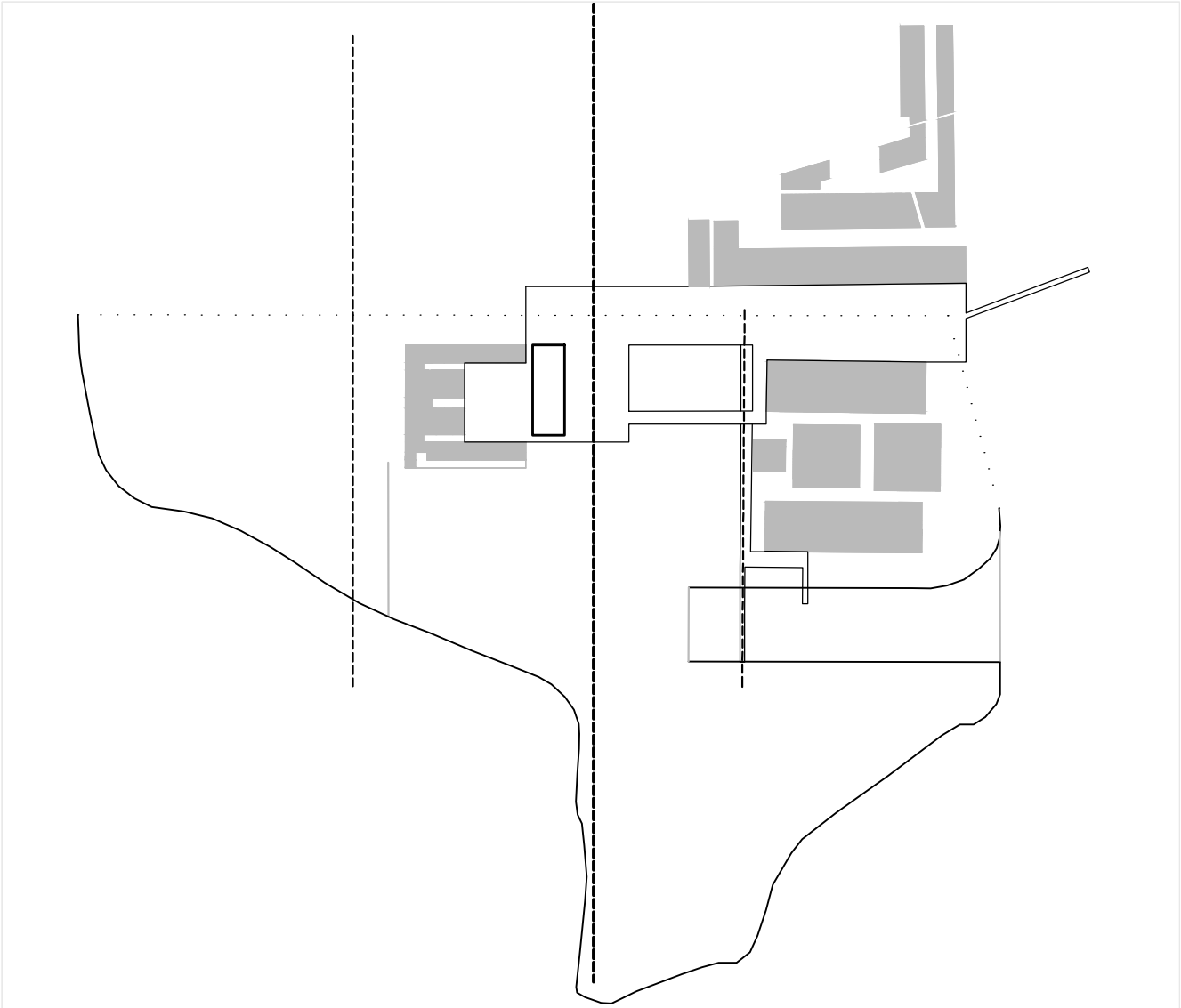
Estas relacionam-se também com o desenvolvimento das urbes de forma hierárquica, em função da circulação automóvel, da mobilidade de bens e pessoas, das ideias, etc., são a extensão do mercado e nelas se compra e vende, contudo não têm o mesmo valor simbólico, funcional e cultural inerente às praças.

A escala de uma rua é diferente da escala de uma estrada, uma vez que a primeira surge à escala humana enquanto a estrada surge à escala do automóvel, embora hoje em dia, ambos se relacionem na maior

parte dos casos. O ritmo das ruas é importante para estabelecer uma conexão e relação entre outras ruas e praças. Estas ajudam a organizar a divisão do território e delimitam os quarteirões, sendo compostas pelos edifícios, constituindo com estes uma unidade em que as várias partes são inseparáveis.Estes espaços identificam-se nitidamente com a sua função, sendo estes definidos pela sua pavimentação, forma dos edifícios e respectivas fachadas ou muros.

A rua surge na escala urbana como os corredores e galerias surgem à escala arquitectónica. Estas fornecem uma grande quantidade de diversidade espacial, como se verifica em várias situações nas cidades antigas, como é exemplo as cidades medievais com ruas orgânicas e sinuosas, estreitas com alargamentos junto a igrejas e largos, etc.

⁵ José Ressano Garcia Lamas, in “Morfologia Urbana e Desenho da Cidade”, 2004. Pág. 100.



Esquemas das Novas Ligações

- Percurso de ligação Monsanto/ Campus/ Cidade
- Percursos de ligação secundários
- Percurso Pedonal + Circulação Viária
- Vias Propostas

ACESSOS

"O traçado é um dos elementos mais claramente identificáveis tanto na forma de uma cidade como no gesto de a projectar. Assenta num suporte geográfico pré-existente, regula a disposição dos edifícios e quarteirões, liga os vários espaços e partes da cidade, e confunde-se com o gesto criador." ⁶

A estruturação do espaço público surge da articulação de ruas e praças, espaços de circulação e permanência, duas modalidades básicas de inter-relação da comunidade com o território.

Estes lugares são a projecção dos dois tipos que conformam o sistema urbano: a direcional, manifestada na rua como eixo de ligação entre dois pontos; e a centralidade, expressão do espaço confinado à permanência. Tanto a rua como a praça definiram dois marcos para os acontecimentos sociais através das diversas actividades.

Embora estes dois elementos possam parecer distintos, ambos estão ligados um ao outro dentro da estrutura e forma da cidade. Uma rua pode dar uma importância muito maior a uma praça e uma praça importante pode aumentar a utilidade e afirmação de uma rua. Portanto,

a forma na qual ambos interagem pode trazer uma outra dimensão para cada espaço e para o local onde se inserem.

A rua, para além de ser um espaço de circulação, não tem uma função espacial claramente definida, por vezes é usada como espaço privado e por vezes para actividades públicas. Nesse sentido, é o espaço sem substância, espaço com muitos significados complexos que se sobrepõem.

Paulo Mendes da Rocha, no projecto do Campus de Vigo apresenta uma rede contínua de ligações que apesar de não serem ruas transmitem essa ideia de espaço de circulação e espaço de convívio, ao mesmo tempo que unem e estabelecem uma relação com os vários pontos do campus, criando assim uma ampla rede de percursos e plataformas que facilitam os acessos entre os vários edifícios.

⁶ José Ressano Garcia Lamas, in “Morfologia Urbana e Desenho da Cidade”, 2004. Pág. 99-100.

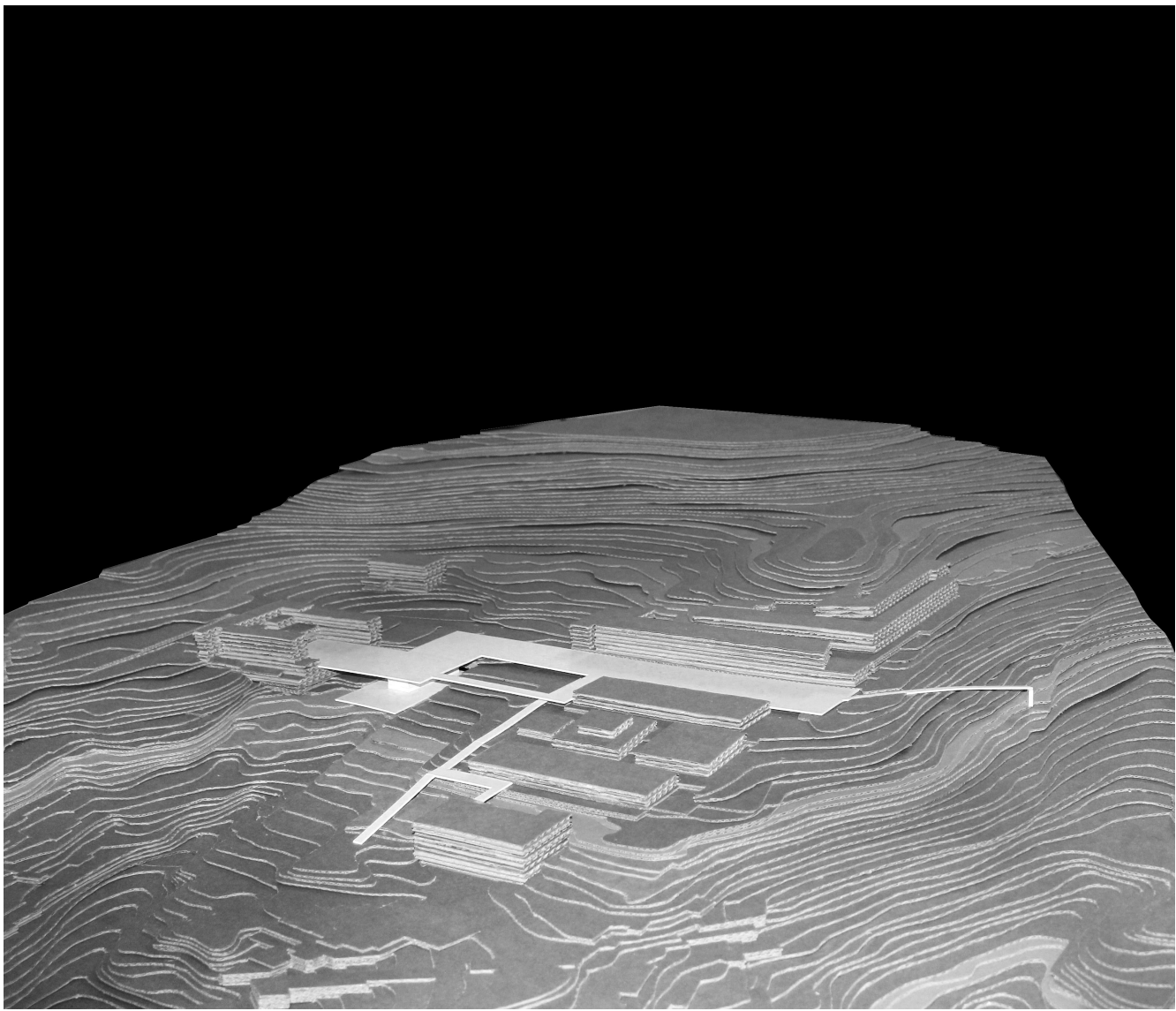


Fig. 15
Maquete da proposta - Ligação entre faculdades

PLANO DO CAMPUS DE VIGO

Paulo Mendes da Rocha

O projeto para o Campus Universitário de Vigo, em Espanha, é organizado por uma nova proposta de circulação pedonal e utilização do terreno, tal como pela ligação e relação entre os conjuntos de edifícios existentes.

O plano anterior, de autoria do arquitecto Enric Miralles, executado durante a década de 1990, tinha determinado como eixo estruturador do pólo uma ligação e mobilidade de nível, onde estão estabelecidas as principais instalações deste conjunto, a biblioteca, reitoria, espaços desportivos, espaços comerciais e uma praça comum.

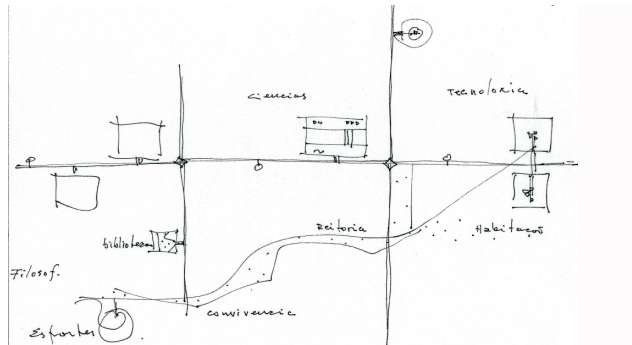
A partir desta ideia de percorrer o campus de nível, é projectado um sistema de circulação pedonal horizontal suspenso que se prolonga por dois quilómetros e que rompe com a distribuição anterior dos edifícios, desarticulados e isolados ao longo deste terreno acidentado.

Este percurso é coberto, protegido das intempéries, onde favorece e promove o convívio e o contacto entre estudantes. Para a ligação aos edifícios que se

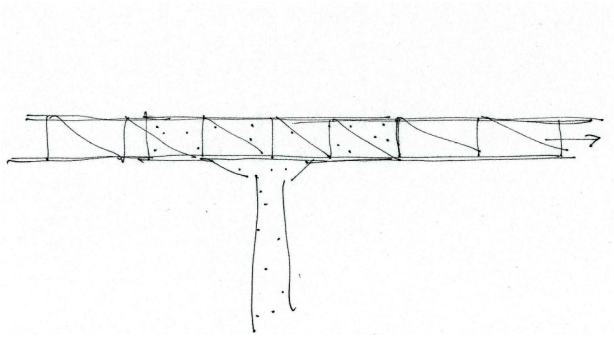
situam a cotas mais baixas foram projectados elementos mecânicos verticais, externos aos edifícios, que facilitam a transição de cotas, juntamente com duas de vias secundárias que unem as novas distribuições aos edifícios e espaços de convívio.

Estas vias suspensas, elevadas do terreno, no qual apenas pilares de betão tocam no terreno, apresentam assim uma alternativa para a mobilidade pedonal, conservando a integridade do sistema natural, no qual também se podem percorrer estes espaços naturais, que têm como novo projecto a reorganização paisagística, estendendo a ideia de elaboração de uma reserva ecológica para o pólo procurando um diálogo entre o natural e o artificial.

Assim para este projecto, em Monsanto, em específico no Alto da Ajuda, como forma de criar ligações e relações entre as três faculdades e tendo como objectivo o Centro de Experimentação Teatral, foi prolongada a praça exterior do ISCSP, servindo esta de cobertura para o restante programa proposto e também como plataforma de ligação entre as restantes faculdades, podendo-se percorrer este percurso (plataforma) sempre à mesma cota.



Esquema da Proposta



Esqueto da Plataforma

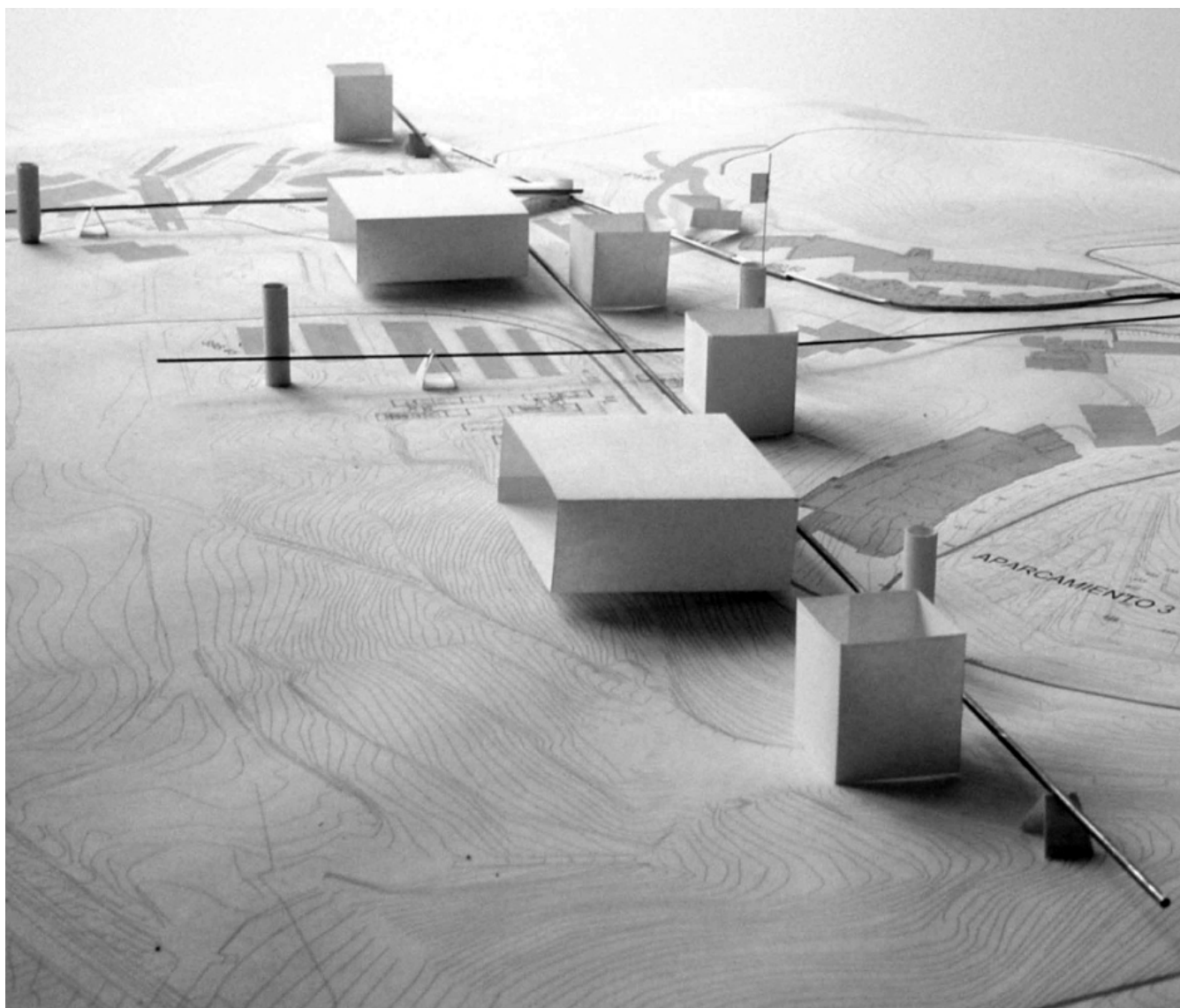


Fig. 16
Maquete da Proposta do Campus de Vigo

SISTEMA ESTRUTURAL

Este novo sistema de construção leva à questão das articulações entre os diferentes espaços, tal como das novas edificações com as existentes.

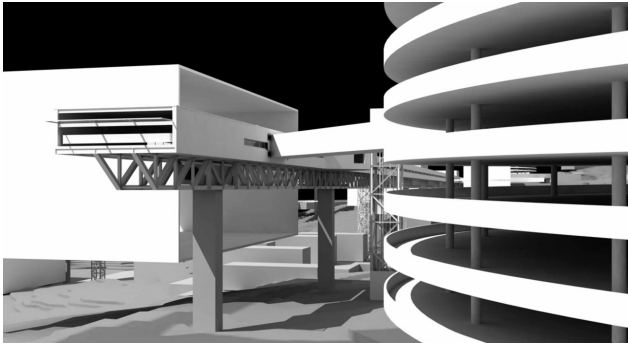
A circulação vertical é executada através de elevadores externos aos edifícios, e para além das três principais vias, surgem pequenas vias secundárias que interligam as novas circulações aos edifícios e espaços de convivência.

Tal como nas vias elevadas do terreno e dos edifícios que servem como estacionamento, que vêm substituir os actuais estacionamentos a céu aberto, as novas construções tocarão no solo o mínimo possível, de modo a favorecer a preservação natural do campus. Assim, pilares de betão armado, com diferentes alturas, consoante a inclinação do terreno atingirão o solo e sobre estes, treliças metálicas pré-fabricadas vencerão vãos de cerca de 65 metros, que servirão também como estruturas externas da galeria técnica de tubagens, por baixo das plataformas.

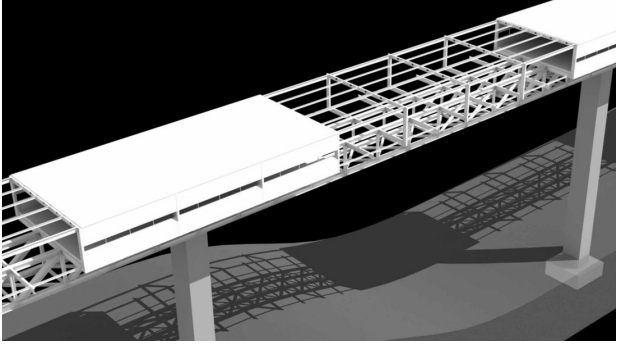
Sobre a galeria, pórticos metálicos pré-fabricados e distanciados cerca de 9,50 metros, estabelecerão a

estrutura das vias superiores. Aqui serão apoiadas as vigas da tanto da cobertura como das fachadas e também as vigas das lajes inferiores.

O projecto adapta-se ao clima frio e húmido da região, ao conter fachadas com isolamento térmico, um sistema mecânico de exaustão na cobertura, tendo também caixilharia de vidro fixo em toda a extensão das plataformas.



Ligação aos Novos Edifícios



Sistema Estrutural da Plataforma

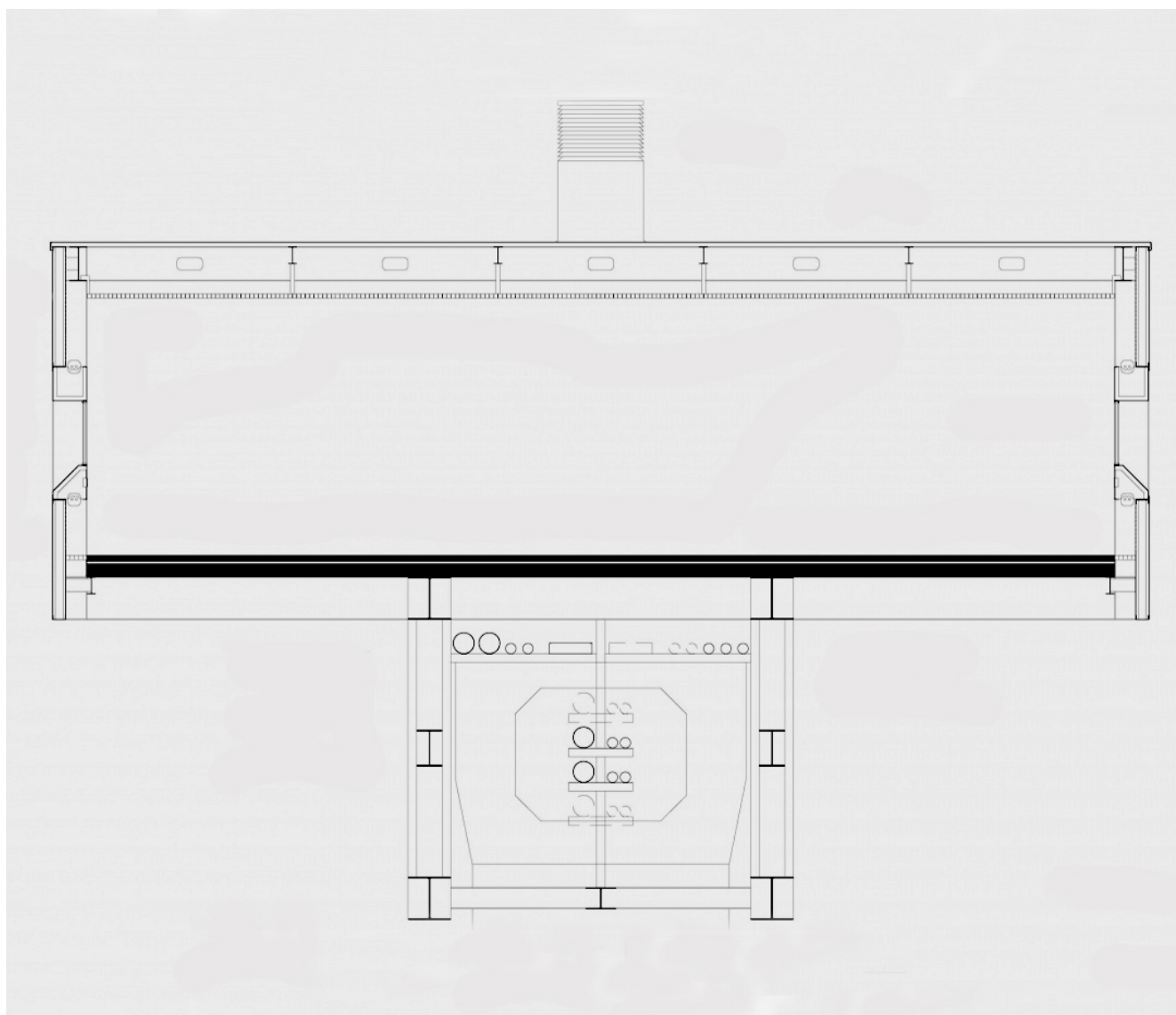


Fig. 17
Corte Transversal das Plataformas

UMA INTERVENÇÃO NA AJUDA

Na zona da Ajuda, dentro dos limites do campus universitário é proposta uma ligação entre o parque e a cidade, esta de espaços verdes, relvados e arbóreos, unindo duas clareiras, uma onde se insere o anfiteatro Keil do Amaral, com espaços relvados e que actualmente é a zona mais percorrida deste lado de Monsanto, e a outra em redor do pólo, onde se encontra hoje em dia uma vegetação rasteira e descuidada.

Estes espaços verdes oferecem assim uma nova entrada no parque e novos espaços de lazer, de descanso, etc, tanto para os estudantes como para os habitantes e turistas. Pretende-se também com esta extensão, trazer Monsanto à cidade, de forma a aliar o parque à malha urbana e podendo criar relações entre o mundo artificial e o natural.

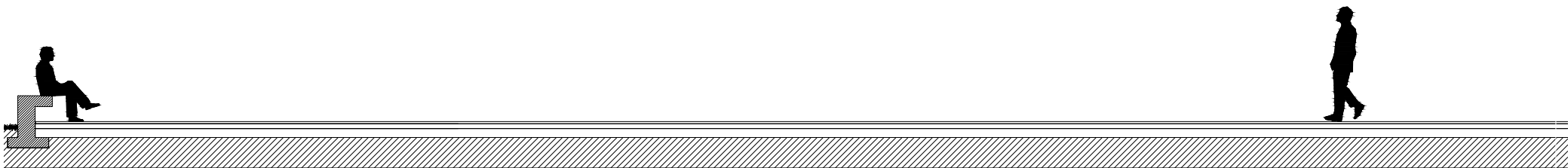
Ao redesenhar o campus pretende-se provocar uma interação entre as várias faculdades, que hoje em dia parece inexistente, e por sua vez, que estas se liguem à cidade.

As largas avenidas, inadequadas à escala do campus foram removidas, podendo-se percorrer o pólo

pedonalmente, excepto a ligação à Faculdade de Medicina Veterinária devido ao transporte de animais para os serviços hospitalares, etc. Os estacionamento exteriores junto às avenidas foram também removidos, utilizando-se apenas os estacionamento nos interiores das faculdades. Este eixo, anteriormente viário, passa então a ser usado tanto pedonalmente como por automóveis, no entanto esta circulação de viaturas passa a ser controlada e com limites de velocidade reduzidos.

No espaço central do pólo é proposto o Centro de Experimentação Teatral com o propósito de ligar as faculdades e de servir como espaço comum às mesmas. Entre o ISCSP, o Centro de Experimentação e a Faculdade de Arquitectura é feita uma passagem pedonal aérea, de cota, que facilita o acesso entre estas, sendo também criada uma ponte entre a última e a cantina universitária. Para a execução deste edifício, teve de ser proposta uma lagoa de contenção de águas, que através de canais e outros tanques de contenção, permitem direccionar a água para o rio e também através de um sistema de turbinagem, fazer circular a mesma ao longo deste parque.





Plataforma de Ligação (Pavimento de Lajetas de Betão)

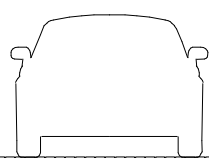
← Parque Urbano



Lajetas de betão branco - Pavimento da plataforma



Pedra Basáltica - Percurso Viário + Pedonal



| 75

Novo Espaço Verde

Percurso Viário + Pedonal

Faculdade de Medicina Veterinária →

Perfil da Plataforma
ESC. 1/100



Fig. 18
Fotomontagem da ponte de ligação



Fig. 19
Fotomontagem da plataforma de ligação

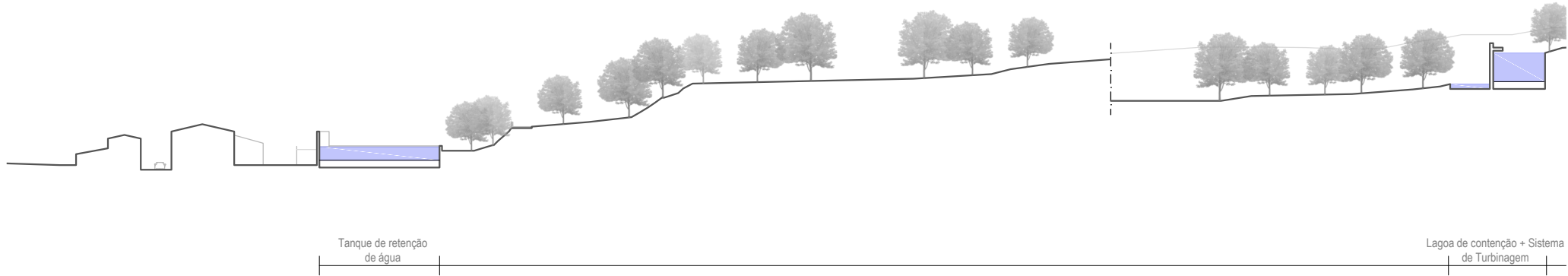
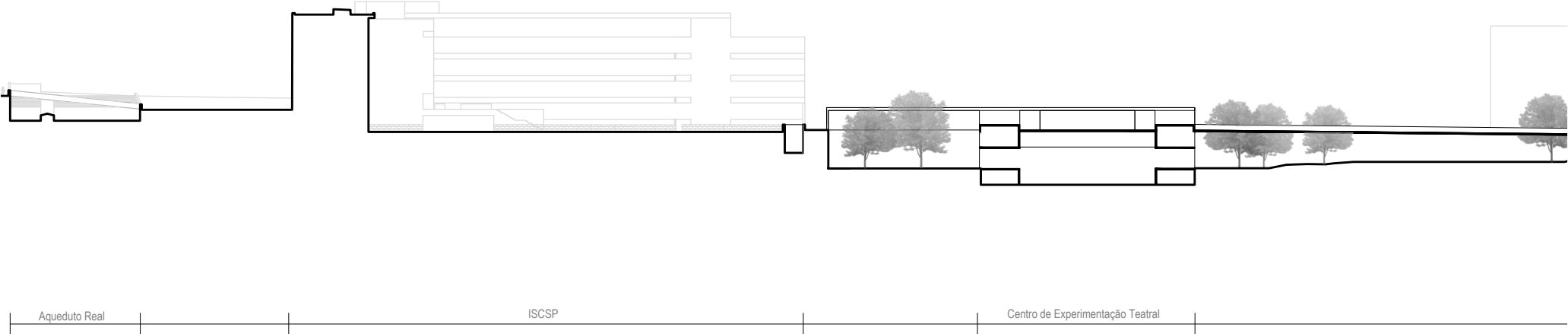


ESPAÇO PÚBLICO COMO LAZER

The more successfully a city mingles everyday diversity of uses and users in its everyday streets, the more successfully, casually (and economically) its people thereby enliven and support well-located parks that can thus give back grace and delight to their neighborhoods instead of vacuity.

Jane Jacobs in
"The Death and Life of Great American Cities", 1961

Fig. 20
Parque Florestal de Monsanto

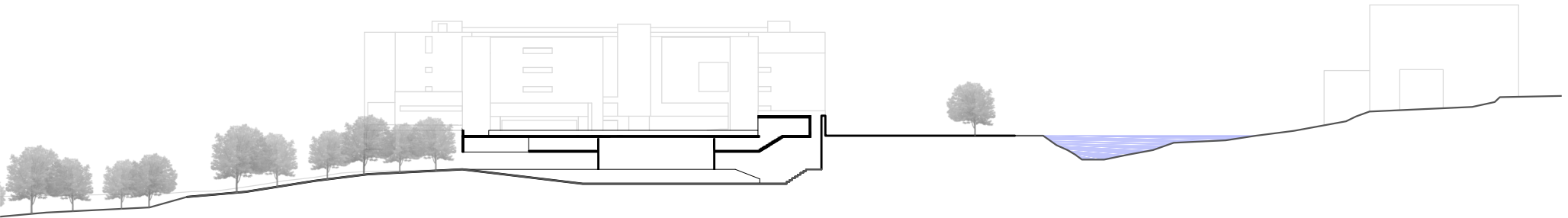




Faculdade de Arquitectura

Ascensor de acesso ao ISA

Corte Transversal
Esc. 1/1000



Parque Urbano

Centro de Experimentação Teatral

Lagoa de contenção principal

CEDAR

Corte Longitudinal
Esc. 1/1200

ESPAÇOS SOCIAIS

Desde a Antiguidade que os espaços públicos, sejam ruas ou praças, serviam como palco de diversas actividades lúdicas, tanto de jogos como lutas, etc., onde existia uma grande relação entre lazer e cidade. Hoje em dia, estas relações originam questões que remetem a ideias antagónicas do uso do espaço urbano, do lazer e das formas da qualidade de vida. Por vezes o espaço urbano fica restringido a simples locais de acesso, que se tornam o suporte para a ligação de pontos, trajectos para se chegar aos locais onde existe o prazer, quer dentro do espaço privado, quer do espaço público. O lazer estreita também a relação entre cidadãos, isto é, um lazer com funções pessoais e sociais, identificados com a extensão da esfera pública da cidade.

O lazer é portanto o elemento primário da qualidade de vida. Todos os cidadãos defendem e ambicionam a qualidade de vida, independentemente da inserção na cidade e do contexto social, embora, por vezes, existam interesses muito divergentes. Muitos destes espaços, heterogéneos, estão condenados pelas vias de circulação viárias, é possível que esta, entre outras razões, façam os espaços de lazer migrarem para espaços fechados, privados, terminando assim, por vezes o carácter lúdico que vários espaços, como as ruas, etc., transmitiam. A ideia de lazer na cidade, identificado na sua dimensão pública, promove o contacto humano e é um grande instrumento anti exclusão.

É então necessário integrar no seu seio novas dimensões de

humanidade, de harmonia e mesmo de convívio. Devido à procura de espaços livres, de diálogo e sociabilização, existe a necessidade de colocar à disposição da população, espaços e equipamentos lúdicos, onde a liberdade, cidadania e democracia são valores urbanos essenciais.

Os espaços públicos devem fundamentalmente ser espaços de lazer, espaços onde a actividade cultural faça sobressair um conjunto de expressões, representantes do direito à cidade e de usufruto da mesma. Espaços que ofereçam um variado leque de actividades onde os cidadãos procurem, de forma consciente ou mesmo inconsciente, estar em contacto com a vizinhança, o seu bairro, a cidade.

Estes espaços são mecanismos essenciais para a socialização da vida urbana. A produção de novos lugares para o lazer citadino deve em grande parte, ser iniciada a partir da voz dos cidadãos, a exigirem novos espaços públicos de cidadania enquanto lugares emergentes de novas culturas e práticas urbanas em equilíbrio com o ambiente.

As praças até aos dias de hoje, sempre foram apontadas como os principais espaços públicos de lazer, espaços centrais e democráticos onde se dava grande parte da vida da cidade, sendo lugares atractivos às diferentes culturas e religiões, etc. Contudo, durante o século XIX surgem novos conceitos de espaço público, e por consequência, novos espaços de lazer – os parques urbanos.



Hyde Park - Londres



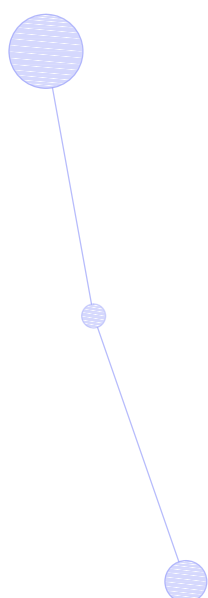
Central Park - Nova Iorque



Mount Royal Park - Montreal



Tiergarten - Berlin



PARQUES URBANOS

Recentemente - tendo em conta a história da cidade - podemos afirmar que os espaços verdes como os grandes parques urbanos e jardins, são tal como as praças e as ruas, entre outros, elementos compositivos do desenho urbano, elementos reconhecíveis da estrutura urbana. Com o aparecimento destes, foram introduzidos novos tipos espaciais, como novos espaços de recreio e lazer e novas actividades sociais.

Estes apresentam uma individualidade própria, caracterizam também a imagem da cidade e, a sua morfologia e aspecto visual colocam-se ao mesmo nível que os edifícios, mas não possuem a mesma permanência e rigidez que os mesmos. Tanto o edificado como as estruturas verdes são componentes do mesmo campo de trabalho, do desenho do espaço.

Em qualquer transformação do espaço público, tanto de edifícios como do território, é necessária uma intervenção que defina as relações espaciais e interligue os vários elementos construídos, tendo como ferramenta o desenho urbano, o desenho do espaço público. Este traçado não deve então ser o desenho da massa, dos elementos edificados, mas sim o desenho do tecido urbano, da estrutura espacial, que relaciona e unifica os vários elementos morfológicos e as diversas partes da cidade.

Os parques urbanos fornecem às pessoas locais de reunião, formais e informais, espaços de socialização, de lazer, descontração e por vezes contemplação, tornando assim os espaços adjuntos mais apelativos para viver e trabalhar.

Estes oferecem também benefícios ambientais, como a gestão de águas pluviais através da permeabilidade dos solos, controlo de erosão dos mesmos, desenvolvimento da flora e fauna, etc.

O espaço público construído e a sua envolvente paisagística, tanto parques como outros elementos naturais que se inserem no espaço, encontram-se num diálogo ambíguo de assimilação e integração em que se definem e valorizam reciprocamente.

Os elementos naturais têm sido reconhecidos como os principais contribuintes para a qualidade física e estética dos espaços urbanos. Esta visão vai muito além do valor tradicional dos parques como locais de lazer para as comunidades, concentrando-se em ideias de formulação de políticas, onde o público pode reflectir sobre estes como sendo elementos importantes para o desenvolvimento da juventude, saúde pública e construção da comunidade, fortalecendo as relações existentes entre bairros adjacentes.



Percurso de pé posto



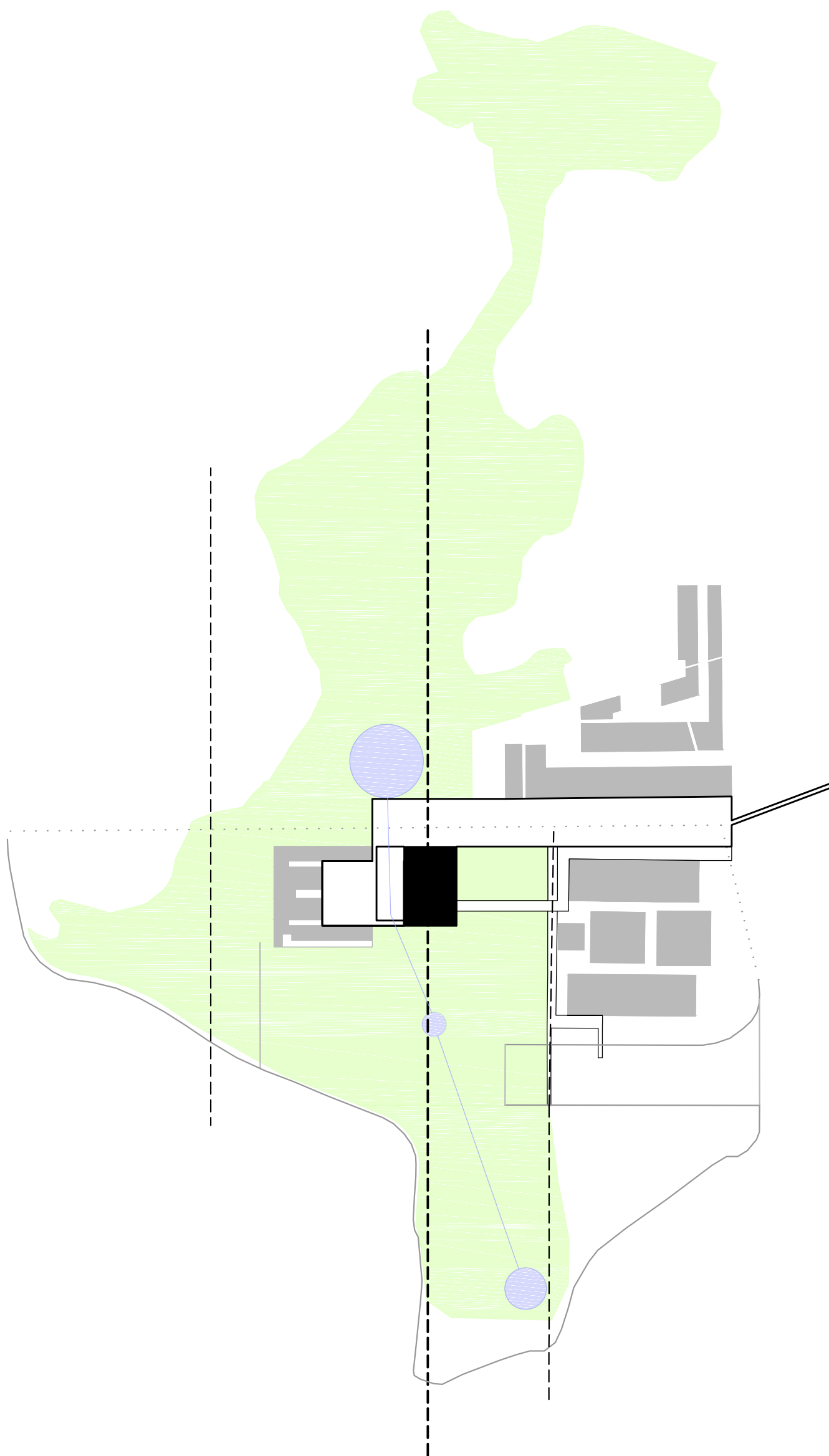
Parque Urbano - Monsanto



Local de Intervenção - Parque Urbano



Local de Intervenção - Vista para o rio



DO PARQUE À CIDADE

Neste campus cada edifício apresenta uma individualidade própria, numa tipologia comum, mas em função da sua especificidade. Contudo, é possível que com esta individualidade, em parte devido à inconclusão do plano do pólo, se tenha originado uma desconexão e falta de inter-relação entre as faculdades, e por sua vez, uma desconexão com a restante malha urbana.

O Campus tinha também como função ser o principal acesso e entrada em Monsanto, mas, no entanto, apesar de se encontrar junto aos limites do parque, não existe uma relação entre estes, estando mesmo o pólo virado de costas para Monsanto.

Surge assim a ideia de redesenhar o pólo universitário reafirmando esta ideia de principal entrada no Parque Florestal de Monsanto e originando uma ligação entre este, o campus e a cidade.

A partir do pólo são criados percursos pedonais que se vão unir aos restantes equipamentos universitários nos limites de Monsanto – Instituto Politécnico de Lisboa em Benfica e a Universidade Nova de Lisboa em Campolide - percursos estes que se apropriam de caminhos de pé

posto já existentes e alguns são criados de forma a obter os percursos propostos.

Esta ligação entre universidades pode também ser feita através de um sistema de transportes (autocarros) que permite esta união entre pólos, sempre pelo exterior de Monsanto, excepto na ligação entre o campus da Ajuda e o campus de Benfica, evitando causar transtornos e poluição sonora neste espaço que se diz de contemplação, meditação, lazer, etc.

Estes percursos, tanto de ligação de pólos universitários, como de ligação da cidade ao parque, terminam junto ao rio, podendo ser percorridos pelo Rio Seco, onde foram criados elementos verticais (ascensores) que facilitam o acesso e transição das pessoas da cota baixa para a cota alta, na zona das pedreiras da Ajuda, terminando-o na Cordoaria Nacional, e também pela Calçada da Ajuda, onde ao percorrermos, podemos descobrir alguns dos equipamentos que definiram esta rua: o Palácio Nacional da Ajuda, o Quartel Conde de Lippe e terminando no novo Museu dos Coches de autoria do arquitecto Paulo Mendes da Rocha.



Palácio Nacional da Ajuda



Novo Museu dos Coches



Jardim do Rio Seco - Pedreira da Ajuda



Cordoaria Nacional



100 300 500

----- Percorso Pedonal

Novo Sistema de transportes (Autocarro)

CONCLUSÃO

Every room is a stage, every public space is a theatre, and every façade is a backdrop. Each has places for entry and exit, scenery, props, and a design that sets up potential relationships between people. In this sense, architecture and theatre are sister arts, creating worlds where people interact in studied spatial relationships. (...) the noble, subtle, and human art of theatre is perhaps architecture's most powerful ally in exploring the social impact of design: how space shapes actions and relationships. Theatre offers a manipulable realm of make believe that can reflect on real situations, characters, and places. (...) theatre demonstrates architecture, playing on exactly the issues of interpersonal relationships in space that architects engage most pointedly in designing buildings for public space and urban life. Through theatre, a designer may explore physical and social space in real time, at a real scale, and with real people.

Gray Read in
Journal of Architectural Education, 2005.

As cidades antigas servem como memória, reflexão e ensino para a arquitectura e urbanismo actuais. As cidades são determinadas pelas realizações do passado, pela sedimentação ao longo do tempo onde se reúnem algumas das principais funções e usos urbanos. São o lugar de reinterpretações e intervenções que por acumulação, qualificação e reutilização enriquecem a cultura e a memória das cidades hoje em dia.

Como tal, surge o exemplo da Ágora e do Fórum Romano, lugares de encontro cívico-culturais, lugares nobres e de prestígio, que antecederam e deram origem às praças contemporâneas, e as ruas da Antiga Grécia e Roma, lugares de comércio e de circulação cujas funções continuaram até aos dias de hoje. Estes são elementos morfológicos predominantes na organização e imagem das cidades.

Numa sociedade multicultural, as diferenças éticas e culturais também podem estar relacionadas com a forma como estes usufruem do espaço público.

Estes espaços podem ser entendidos e vividos diferentemente de acordo com os vários valores

culturais. Para as culturas ocidentais, os espaços públicos são um lugar de encontro e de troca social, são praças ou parques, mas para outros países, isso pode ser difícil de definir.

Em vários países asiáticos como a China ou o Japão, os espaços públicos não são claros para o entendimento dos ocidentais, estes parecem ser muito subtis dentro da cidade. Com certeza existem ruas, praças e parques mas a sua utilização e relação com os espaços podem ser diferentes.

Em diversas cidades estes espaços exteriores não têm um carácter tão público devido a uma história política, não existindo uma grande liberdade à população para expressar suas demandas. Portanto, a política influencia o padrão das cidades.

As diferentes abordagens da análise do espaço público ajudam a identificar os diferentes elementos da estrutura urbana de formas muito detalhadas. Para os habitantes da cidade, esta é percebida a partir de fragmentos que surgem como resultado das imagens que se têm do local e de como essas imagens são captadas.

Nos seus trajectos diários os cidadãos passam pelas ruas, cruzam diversos espaços da urbe, repousam nos jardins, largos e praças. São estes os elementos morfológicos, que o indivíduo detém ao deambular pela cidade.

Apenas quando a cidade é vista de cima, como pode ser vista no topo de um arranha-céus ou de uma colina, ou mesmo a partir de um avião, é que temos uma noção do todo, e consequentemente da continuidade do espaço. Ao intervir na cidade tem inevitavelmente que se ter estas duas perspectivas – a do cidadão que circula pela cidade tanto a pé como carro, ao mesmo tempo que de deve ter a percepção do projectista que analisa a urbe através da cartografia, etc.

Resumindo, pode-se dizer que, para satisfazer os indivíduos que utilizam no dia-a-dia os espaços públicos, tem de se relacionar estes, com o contexto urbano onde estão inseridos, de forma a analisar as mudanças culturais e urbanas que as pessoas difundem quer individualmente quer em grupo, tendo em conta que são estas mudanças que geram novas carências e espaços.

É com base nesta análise da esfera pública, desde a sua origem à actualidade, que o presente trabalho pretende estimular processos de desenho do espaço público com o objectivo de oferecer a cidade a todos, ultrapassando barreiras físicas que condicionam o acesso e movimento de várias partes da comunidade, tanto de crianças como pessoas idosas, e pessoas incapacitadas de se movimentarem normalmente, reflectindo também sobre estratégias para o desenvolvimento sustentável da cidade, passando por aproximar espaços centrais da cidade às periferias, pelo desenvolvimento e melhoria da qualidade do espaço público, pela assimilação de dinâmicas publico-sociais que se relacionam com preocupações funcionais da cidade de Lisboa, mais propriamente na zona da Ajuda.

ACRÓNIMOS E SIGLAS

CET - Centro de Experimentação Teatral

FA - Faculdade de Arquitectura

FMH - Faculdade de Motricidade Humana

FMV - Faculdade de Medicina Veterinária

GTIST - Grupo de Teatro do Instituto Superior Técnico

IPL - Instituto Politécnico de Lisboa

ISA - Instituto Superior de Agronomia

ISCSP - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

ISEG - Instituto Superior de Economia e Gestão

IST - Instituto Superior Técnico

TUT - Teatro da Universidade Técnica

UNL - Universidade Nova de Lisboa

UTL - Universidade Nova de Lisboa

ÍNDICE DE IMAGENS

08	Fig. 1 Nova Planta de Roma, Giambattista Nolli, 1748 Fonte: http://cluster3.lib.berkeley.edu
11	Fig. 2 Perspectiva da Ágora de Atenas Fonte: http://www.thomasgransow.de
13	Fig. 3 Maqueta de Roma Antiga Fóruns Romanos Fonte: http://blog.invention.smithsonian.org
15	Fig. 4 Inexistência de espaços públicos Fonte: Mário Granja
17	Fig. 5 Inexistência de espaços públicos e de ligações Fonte: Mário Granja
19	Fig. 6 Museu de Arte de São Paulo, Lina Bo Bardi, 1968 Vista parcial da praça Fonte: http://ad009cdnb.archdaily.net
23	Fig. 7 Construção do Pavilhão do Brasil, Paulo Mendes da Rocha, 1968 Fonte: Livro Paulo Mendes da Rocha. Works and Projects
31	Fig. 8 Fotomontagem do Centro de Experimentação Teatral
32	Fig. 9 Fotomontagem do Openspace
33	Fig. 10 Fotomontagem da praça coberta - Blackbox com paredes elevadas

57	Fig. 11 Maquete Virtual Campus de Vigo Fonte: http://www.mmbb.com.br
59	Fig. 12 Ortofotomapa do Alto da Ajuda - Local de Intervenção Situação actual Fonte: Bing Maps
61	Fig. 13 Pólo Universitário da Ajuda - Vista da Avenida, actual ligação ao Campus Fonte: Mário Granja
63	Fig. 14 Pólo Universitário da Ajuda - Vista da Avenida, actual ligação ao Campus Fonte: Mário Granja
67	Fig. 15 Maquete da proposta - Ligação entre faculdades Fonte: Mário Granja
69	Fig. 16 Maquete Virtual dos Sistemas de Plataformas Fonte: http://www.mmbb.com.br
71	Fig. 17 Corte Transversal das Plataformas Fonte: http://www.mmbb.com.br
76	Fig. 18 Fotomontagem da ponte de ligação
77	Fig. 19 Fotomontagem da plataforma de ligação
78	Fig. 20 Parque Florestal de Monsanto Fonte: Mário Granja

ÍNDICE DE DESENHOS

21	Desenho 1 Esquema da praça e da plataforma de ligação	52/53	Desenho 16 Corte C7 Alçado Norte ESC. 1/350 Desenho 17 Corte C8 ESC. 1/350
25	Desenho 2 Planta Piso -1	54/55	Desenho 18 Corte Constructivo ESC. 1/20
27	Desenho 3 Planta Piso Térreo	65	Desenho 19 Esquema das novas ligações Sistema de Percursos Ligações viárias
29	Desenho 4 Planta de Cobertura	73	Desenho 20 Plano Urbano
35	Desenho 5 Planta Piso 0	74/75	Desenho 21 Perfil da Plataforma Esc. 1/100
37	Desenho 6 Planta do Piso 1	80/81	Desenho 22 Corte Transversal ESC. 1/1000 Desenho 23 Corte Longitudinal ESC. 1/1200
39	Desenho 7 Planta do Piso 2	83	Desenho 24 Esquemas dos espaços de lazer Sistema Verde Sistema de contenção de água + Sistema de Turbinagem
41	Desenho 8 Planta do Piso 3	85	Desenho 25 Sobreposição de Esquemas
43	Desenho 9 Planta de Cobertura	87	Desenho 26 Estratégia Geral
44/45	Desenho 10 Corte C1 Alçado Poente ESC. 1/200		
46/47	Desenho 11 Corte C2 ESC. 1/300		
48/49	Desenho 12 Corte C3 Alçado Nascente ESC. 1/350 Desenho 13 Corte C4 ESC. 1/350		
50/51	Desenho 14 Corte C5 Alçado Sul ESC. 1/350 Desenho 15 Corte C6 ESC. 1/350		

BIBLIOGRAFIA

BENEVOLO, L. *História da cidade*. 4ª Edição. trad. Silvia Mazza. Perspectiva, 2003.
ISBN 8527301008

BORJA, Jordi; MUXI, Zaida. *El Espacio Publico: Ciudad Y Ciudadania*. Sociedad Editorial Electa. Barcelona, 2000.
ISBN 9788481563436

BRANDÃO, P.; REMESAR, A. O Espaço Público e a Interdisciplinaridade, CPD, 2000, Lisboa.
ISBN 972-9445-117

CAMP, John M. *The Athenian Agora. A Short Guide*. The American School of Classical Studies at Athens, 2003.
ISBN 9780876616437

CAMP, John M. *The Athenian Agora: Excavations in the Heart of Classical Athens*. Thames & Hudson, 1992.
ISBN 9780500276839

DELGADO, Manuel. El Espacio Publico como Ideologia. Los Libros de la Catarata, Madrid, 2011.
ISBN 978-84-8319- 595-6

GEHL, Jan. Life Between Buildings – Using Public Space. The Danish Architectural Press. 2001.
ISBN 978- 1597268271

GONÇALVES, Vítor Fernando da Conceição (coord.); Universidade Técnica de Lisboa. Património arquitectónico da Universidade Técnica de Lisboa. GAPTEC-UTL. Lisboa. 2011.
ISBN 978-972-99673-9-9

LAMAS, J. M. R. G., Morfologia Urbana e Desenho da Cidade, FCG, 2ª Edição, 2000, Lisboa.
ISBN 9723109034

LEONI, Giovanni; ESPOSITO, Antonio. Eduardo Souto de Moura Gustavo Gili. 2003.
ISBN 978-972-99673-9-9

MULLER, Werner; VOGEL, Gunther. *Atlas de Arquitectura*. 1º vol. Madrid, Alianza Editorial, 8ª Edição, 2006.
ISBN 9788420662046

NICHOLS, Francis Morgan. The Roman Forum: A Topographical Study (1877). Richardson Press, 2010.
ISBN 9781446023549

SERRÃO, Joaquim Veríssimo; OLIVEIRA, Arantes. A Universidade Técnica de Lisboa. 75 anos de história. 2º vol. Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, 2006.
ISBN 9729967342

SPIRO, Annette. Paulo Mendes da Rocha. Works and Projects. Niggli Verlag, 2006.
ISBN 9783721204131

WATKIN, David. The Roman Forum. Profile Books, Londres, 2009.
ISBN 9781861979629

Documentos Electrónicos

INDOVINA, Francesco. *O Espaço Público: Tópicos sobre a sua Mudança*. in *Cidades, Comunidades e Territórios*, n.º 5, CET – ISCTE; Dezembro, 2002

Theatre of Public Space: Architectural experimentation in the Théâtre de l'espace (Theatre of Space), Paris 1937.[Consult. 13 de Maio de 2013] Artigo disponível em: www2.fiu.edu/.../RecentPapersFolder/TheatreEspace

Revistas

2G N.45 Paulo Mendes da Rocha. Gustavo Gili. 2008.
ISBN 978-8425222467

Sites

Miralles Tagliabue. www.mirallestagliabue.com. 16/06/13, 16:20.

Mmbb. www.mmbb.com.br. 16/06/13, 15:45.